

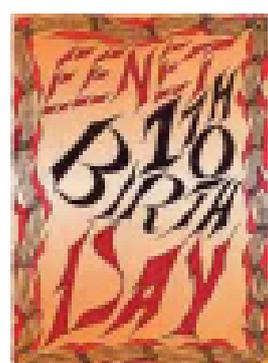
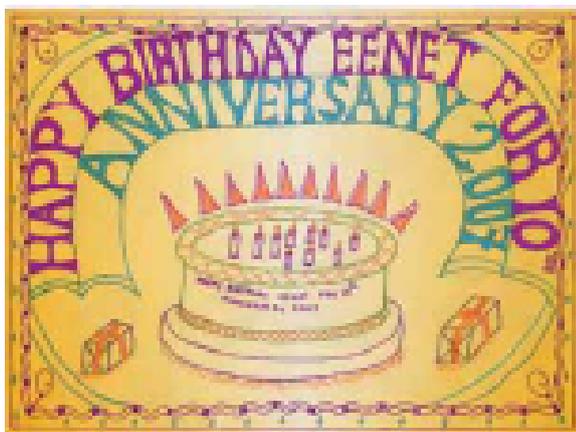
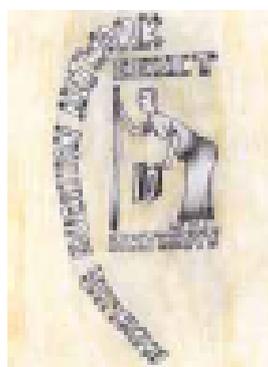
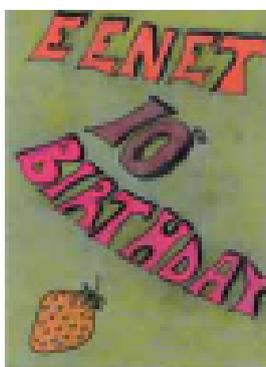
“Não temos crianças deficientes na minha escola, talvez porque o director pensa que isso seria muito difícil. Vou-lhe dizer: ‘Não está só – nós vamos ajudá-lo’.”

(criança, Centro de Desenvolvimento da Criança de Malatia, Yerevan, Arménia)



Enabling Education

Número 11 – Agosto 2007



Número de Aniversário

Os 10 anos do EENET

www.eenet.org.uk


EENET
Enabling Education Network

Índice

Notícias do EENET – 10º aniversário	2
Editorial.....	4
Os pontos de vista dos jovens sobre o casamento precoce e a educação, Norte da Nigéria	6
A promoção da inclusão através do drama e da arte, Burkina Faso	10
Utilização de desenhos de crianças na investigação sobre a inclusão racial numa escola em Inglaterra.....	13
A utilização das ideias dos alunos para tornar o ensino mais inclusivo, Brasil.....	16
Educação inclusiva: a minha perspectiva	18
Educação Privada na Tailândia	20
Avaliação do EENET	24
EENET: olhando para o futuro.....	28
Nadar contra a Corrente	32
A formação dos professores em situações de conflito: Estado de Karen, Burma.....	35
<i>Family Friendly!</i> Trabalho com crianças surdas e as suas comunidades em todo o mundo	39
Apoio à Educação Inclusiva no Afeganistão – a história de um pai.....	41
Elaboração dum projecto numa escola inclusiva, Indonésia.....	43
Elaboração de material educativo com base em imagens, Libéria	47
A primeira convenção UN do Millenium: a educação inclusiva é um direito!	49
Notícias regionais	52
As vossas cartas/E-mails.....	56
A resposta à diversidade dos alunos na União Europeia	58
Publicações úteis.....	60

Responsáveis pela edição: Ingrid Lewis e Susie Miles

Traduzido por: Ana Maria Bénard da Costa, Dinah Mendonça, Madalena Piteira

Notícias do EENET – 10º aniversário

Eventos do aniversário

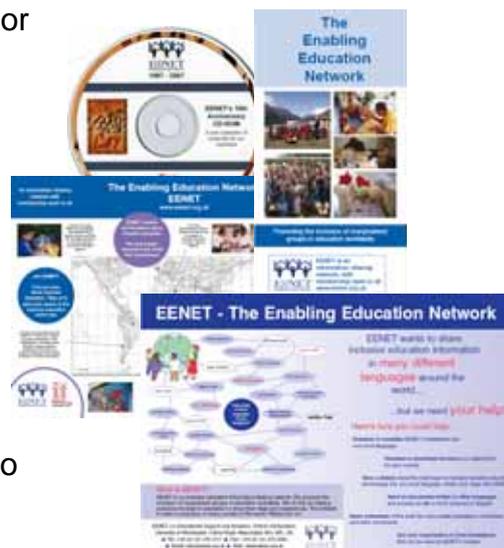
Em Janeiro de 2007, realizámos, em Londres, o seminário sobre o 10º aniversário do EENET. Participaram nele representantes de cerca de 20 organizações e instituições académicas que trabalham no EENET ou o apoiam. A *Inclusive Technology* (o patrocinador do nosso site) também celebrou o seu 10º aniversário nesse ano. Muito generosamente, convidaram o EENET a participar na sua recepção de aniversário.

Estamos também muito gratos à *Inclusive Technology* por ter financiado a produção do CD-ROM, desdobrável e poster, comemorativos do novo aniversário do EENET. A *Inclusive Technology* tem apoiado o site do EENET desde 1997, permitindo-nos atingir leitores em quase 200 países.



Novos recursos do EENET na ocasião do 10º aniversário

- O CD-ROM do 10º aniversário, contendo:
 - Um mapa interactivo do mundo que nos mostra histórias e imagens de alguns dos nossos milhares de membros
 - Todos os artigos dos primeiros 10 Boletins, reorganizados tematicamente e contendo novos editoriais
 - Uma pequena exposição de fotografias feitas por crianças de escolas
 - Uma pequena apresentação em *Power Point* e posters/folhetos impressos que introduzem os objectivos e actividades do EENET.
- O panfleto: descreve sumariamente os objectivos e actividades do EENET
- O poster com o mapa do mundo: mostra algumas das actividades de educação inclusiva e as redes locais que estão a ter lugar entre os membros do EENET nas várias partes do mundo



O poster de traduções: apresenta a expressão “educação inclusiva” em cerca de 30 línguas e encoraja

O passado e o futuro

Os últimos 12 meses têm sido muito ocupados! Durante a segunda metade de 2006, foi realizada uma avaliação do EENET, em larga escala, fundada pelo NFU Noruega (um financiador inicial do EENET). Podem ler um sumário das recomendações da avaliação nas páginas 24-27. Para além de avaliarmos as nossas realizações e desafios passados, temos estado, também, a planear o futuro do EENET. Um resumo do nosso plano para os próximos 5 anos pode ser visto nas páginas 28-31.

Imagens da capa

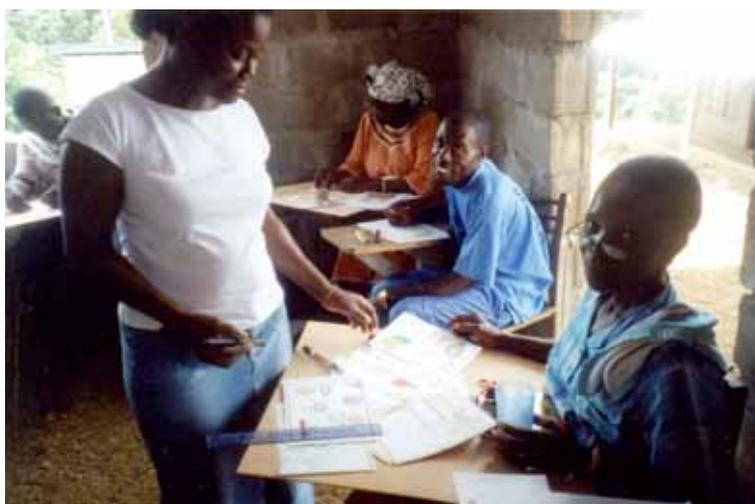
Estas imagens foram tiradas dos postais de parabéns produzidos para o EENET por crianças e jovens que participaram na KAYDA – Katwe Youth Development Association, no Uganda. Queremos agradecer a estes maravilhosos jovens artistas a sua colorida contribuição para a celebração do nosso aniversário.

Editorial

O Relatório Global sobre Educação para Todos da UNESCO de 2007 estima que 77 milhões de crianças (com idades entre os 6 e os 11 anos) não frequentam a escola e que, aproximadamente, um terço de entre elas tem deficiência. Os outros dois terços são crianças de famílias pobres, que vivem em habitações pobres e cujas mães não têm uma educação formal.

O EENET foi criado há dez anos para criar um diálogo – entre os contextos do Sul e entre os contextos do Norte e do Sul – sobre o que significa a inclusão e sobre a forma de a tornar uma realidade para todas as crianças. Os artigos neste Boletim mostram como a educação pode ser uma experiência que capacita, em vez de incapacitar, todas as crianças. A Educação não tem que ter lugar dentro de quatro paredes duma sala de aula e é uma experiência que tem lugar ao longo da vida. Porém, infelizmente, a educação formal é demasiadas vezes uma experiência decepcionante – mesmo em países considerados ricos. No entanto, em Burma, formadores de professores baseados nas comunidades, trabalhando numa situação de conflito e de violência, explicam a diferença que uma educação de qualidade pode acarretar para toda a comunidade. (ver pág. 35-38)

O afastamento das fontes de informação pode marginalizar e, mais tarde, empobrecer os grupos excluídos de alunos, assim com as suas famílias e as suas comunidades. Os nossos leitores dizem-nos que a informação que lhes chega através deste Boletim e do site do EENET podem ser mais valiosos do que o dinheiro. Uma informação como esta abre oportunidades e encoraja as pessoas a actuar. Também nos inspira, ajudando-nos a “tornar o familiar não-familiar” – estimulando-nos a repensar de forma mais profunda e mais analítica, as situações e os problemas com que nos deparamos todos os dias. Uma informação sobre um projecto de arquitectura, acessível e inclusivo, duma escola da Indonésia, poderá estimular outros a fazer o mesmo. A descrição feita por professores sobre a forma de produzir ajudas visuais na Libéria (ver pág. 47-48) pode dar ideias sobre o modo de tornar a educação mais divertida, mesmo com muito poucos recursos.
very few resources.



Sessão de trabalho sobre ajudas para a aprendizagem do desenho (ver página 47)

Neste número do EENET, vários artigos focam a participação das crianças e dos jovens no desenvolvimento duma política e duma prática mais inclusivas. Por exemplo, incluem registos sobre a utilização da arte e de actividades fotográficas para envolver as crianças e os jovens em iniciativas de investigação, de consciencialização e de desenvolvimento

da escola. Centra-se, ainda, nas vozes dos jovens sobre questões tais como o casamento precoce e a educação e a educação inclusiva para alunos cegos.

Na pág. 49-51 são discutidas as implicações da Convenção das NU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência que rasgaram novos caminhos nesta área. Este documento constitui um instrumento de *lobby* da maior importância. O Artigo 24 estabelece que todas as crianças e jovens com deficiência têm o direito ao acesso a uma educação inclusiva, nos níveis primário e secundário, de qualidade e gratuita em bases iguais às das restantes crianças e jovens da comunidade em que vivem. As organizações de pessoas com deficiência tiveram um papel chave nas negociações e, certamente, irão estar envolvidos na sua implementação.

A recente avaliação do trabalho do EENET e as reflexões sobre a forma como se podem estabelecer redes de forma inclusiva, constituem outro foco deste Boletim. E, pela primeira vez, incluímos um artigo que discute a questão da educação privada inclusiva. na Tailândia, (ver página 20-23)



Projecto de fotografia das crianças. Tailândia (ver pág. 20-23)

Convidamo-vos a ler de forma crítica todos os tópicos incluídos neste boletim, a reflectir sobre a vossa própria experiência e a juntarem-se aos autores nestas discussões, com o EENET e com os vossos colegas.

Os pontos de vista dos jovens sobre o casamento precoce e a educação, Norte da Nigéria

Danladi Mamman

O casamento precoce é mais comum nas regiões do norte da Nigéria. Aí, por razões culturais e económicas, muito pais preferem casar as suas filhas numa idade muito precoce. O grau de iliteracia no sexo feminino é mais alto nesta zona do que no sul. Estudos recentes promoveram a frequência escolar das raparigas nos níveis primário e secundário. As raparigas que abandonaram a escola ou não chegaram a frequentá-la, têm mais probabilidades de ser encaminhadas para um casamento precoce. Normalmente, o casamento, impede-as de começar ou terminar a sua educação.

Resposta para o problema

Nos últimos anos, os estados do norte da Nigéria, tais como Níger e Bauchi, têm publicado leis que proíbem a retirada da escola para se casarem, mas isto não tem sido posto em prática. O Governo Federal da Nigéria e os 19 Estados Governamentais do Norte introduziram iniciativas que visam o casamento precoce e o seu impacto na educação (p.ex. sensibilização pública sobre a saúde reprodutiva das raparigas e os seus direitos e a importância de permitir que estas completem a escola secundária; reforço dos laços entre as escolas e as comunidades para aumentar a permanência das raparigas na escola; mudança das atitudes das raparigas face á educação e a criação de mais escolas só para o sexo feminino). Algumas iniciativas têm tido resultados positivos: raparigas casadas/mães solteiras que tinham abandonado a escola voltaram a frequentá-la e os pais têm começado a permitir que as filhas completem a escola secundária antes de se casarem e prossigam, ainda, para o ensino superior.

O Governo Federal publicou a Lei Sobre os Direitos das Crianças em 2003 e muitos estados governamentais estão a segui-lo. Ela estabelece que cada criança, independentemente do género e da deficiência, entre outros factores, tenha o direito a frequentar e a completar uma educação de qualidade. Foi igualmente estabelecido o “Programa de Educação Básica Universal”, o qual determina uma educação obrigatória de nove anos.

Todos os níveis governamentais e organizações não governamentais estão a tomar medidas em relação ao casamento precoce e a encorajar as crianças a completarem a sua escolaridade. Isto inclui o restabelecimento das unidades de orientação nas escolas, a criação de currículos sensíveis ao género, a criação de espaços escolares apropriados à aprendizagem, o envolvimento das comunidades e dos chefes tradicionais nos assuntos escolares, etc. Muitos governos dos estados do norte criaram escolas secundárias para alunas casadas. Em Minna, capital do Estado do Níger, por exemplo, há um “Dia da Mulher Universitária”.

No entanto, apesar deste progresso, há ainda muito que fazer para enfrentar o problema do casamento precoce se pretendermos que os objectivos para a Educação para Todos

sejam atingidos. Se quisermos encontrar soluções eficazes é preciso ouvir as vozes das crianças e dos jovens afectados por estas práticas.



Students from schools involved in GCEN's research

Caminhando em frente – acções sugeridas pelos jovens

A “Girl Child Empowerment Nigéria” (GCEN) decidiu procurar conhecer os pontos de vista das crianças. Entrevistámos 23 estudantes de oito escolas, em toda a Nigéria, no âmbito do nosso trabalho em prol da educação das raparigas. Perguntámos-lhes o que deveria ser feito para resolver o problema do casamento precoce e qual o seu impacto na participação na escola e conclusão dos estudos. Estes pontos de vista vão ser inseridos no nosso trabalho. Deram-nos excelentes sugestões, mostrando a importância da auscultação dos jovens. Têm tanta experiência que pode ser tão útil aos responsáveis pela política educativa. Aqui estão algumas das suas recomendações:

Educar os pais

“ Há muitas coisas que têm de ser feitas par resolver o problema do casamento precoce e da educação. O nosso governo deveria em primeiro lugar dar maior relevo à sensibilização dos pais sobre os efeitos negativos do abandono escolar das raparigas, causado pelo casamento precoce. Como sabem, há muitos pais analfabetos que não reconhecem a importância da educação das suas filhas. Portanto, o governo deveria, em primeiro lugar, antes de qualquer outra acção, sensibilizar os pais.” (*Maryam Kudu, aluna de 15 anos*)

Reforçar as leis

“ Eu não gosto do casamento precoce porque cria muitos problemas para as raparigas, especialmente na sua educação. Estas deveriam ser autorizadas a completar a escola secundária antes de casar. Eu soube que há uma lei relativa ao abandono escolar das raparigas por causa do casamento precoce. Porque é que o nosso governo não dá mais poder a essa lei de modo a resolver o problema? (*Salamatu Dauda, aluna de 13 anos*)

Apoiar o retorno à escola das raparigas

“Tenho visto algumas mães solteiras e raparigas casadas que têm vergonha e medo de voltar para a escola por causa das atitudes negativas a seu respeito por parte dos professores e dos alunos. As autoridades escolares devem considerar os seus sentimentos e ajudá-las levando as pessoas a mudar essas atitudes. Estas raparigas

precisam de encorajamento e apoio para continuar com a sua educação que as ajudará muito no futuro. (*Esther Musa, aluna de 16 anos*)

Encorajar os maridos a apoiar a educação das suas mulheres

“Odeio ver as minhas colegas a abandonar a escola para se casarem. Isto é injusto e devia parar. Uma das minhas maiores amigas, a Dije, é agora mãe. Um dia destes, falei com o marido dela e pedi-lhe que a deixasse continuar com os estudos. O marido concordou mas Dije está envergonhada de voltar à nossa escola, e por isso aconselhei-a a ir para o colégio feminino. Ela e o marido estão agora a tentar entrar na escola. Quero que o governo estabeleça mais colégios femininos no país.” (*Ronke Adebayo, aluna de 16 anos*)

Procurando a inclusão total de raparigas casadas no sistema regular de ensino

“Não me sentirei feliz ao ver qualquer das minhas irmãs ou das minhas colegas a ser expulsa da escola seja por que razão for. O Governo deveria continuar a esclarecer os pais sobre os efeitos negativos que tem o casamento precoce na educação. O governo tem feito uma coisa boa ao instituir o “ Colégio Feminino” para ajudar as raparigas casadas a continuar com a sua educação. No entanto, seria melhor que elas pudessem voltar para a escola que frequentavam antes e aprendessem em conjunto com as suas amigas.” (*Hassan Sadiq, aluno de 17 anos*).

Apoio entre colegas

“Nunca pensei que poderia continuar a minha educação depois de ter um filho, até que três amigas minhas da escola me visitaram e me falaram sobre a possibilidade de voltar à escola e de continuar a estudar. De início estava relutante, pensando que o director não me deixava voltar. Mas uma das minhas amigas falou com ele e ele logo concordou, na condição de eu repetir no último ano. Voltei para a escola e continuei com os meus estudos. A minha mãe toma conta do bebé em casa enquanto eu estou na escola. Gostaria que outras jovens mães como eu fossem encorajadas a voltar à escola”. (*Safiya Sambo, mãe solteira com 17 anos*).

Educação gratuita

“Algum tempo atrás, o meu pai queria tirar-me da escola, tal como fez com a minha irmã mais velha que agora está casada. Eu recusei e comecei a chorar. Então falei com o meu avô que veio falar com o meu pai. Mais tarde, concordou em deixar-me na escola. Quero que o governo torne a educação gratuita, porque isso ajudará os pais a autorizar as filhas a ficarem na escola”. (*Asma’u Zubairu, alunas de 11 anos*).

Muitos alunos têm solicitado fortemente que a Educação Básica Universal se estenda até aos 12 anos, de modo a que todas as crianças, especialmente as raparigas, possam atingir uma educação secundária mínima. Acreditam que isto levará a reduzir o número de casamentos precoces.

Rahinatou (16) é uma das centenas de raparigas que abandonou a escola para se casar, por causa da pobreza dos pais. A sua mãe, viúva, não podia suportar a despesa com a sua escolaridade depois do 3º ciclo. “Se a educação fosse gratuita para as raparigas no nível secundário, muitas de nós não teríamos abandonado a escola para nos casarmos”, disse a Rahinatu.

Mudar a política do governo

Muitas alunas referiram que a reforma educativa que está a ser realizada pelo Governo Federal devia muito seriamente considerar a forma como o casamento precoce afecta a

educação. Expressaram o desejo de fazerem *lobby* para uma reforma da política sobre as crianças casadas e grávidas das escolas, através do Parlamento das Crianças no estado. Algumas das alunas são membros dos Clubes dos Direitos das Crianças nas suas escolas. Agora pretendem utilizar estes clubes para fazerem *lobby* junto das autoridades escolares para desenvolverem planos de acção para ajudar as raparigas casadas e grávidas a voltar à escola e a continuar os seus estudos.

Danladi Mamman é um professor e tem trabalhado com o GCEN na promoção das questões da educação inclusiva na Nigéria.

Contacto:

GCEN

P.O. Box 4433

Garki, Abuja

Nigeria

Email: girlchildemp@yahoo.com ou ladiman442@yahoo.com

O GCEN é uma ONG que visa ajudar as raparigas e as jovens mulheres a alcançar o seu potencial, desenvolver as suas capacidades e adquirir poder de decisão. Encoraja-as a assumir posições de liderança. O principal foco do GCEN consiste nas raparigas e jovens mulheres que se tornaram mães numa fase precoce. O GCEN tem trabalhado com o EENET durante vários anos, ajudando a partilhar informações sobre a educação inclusiva na Nigéria.

A promoção da inclusão através do drama e da arte, Burkina Faso

Neste artigo, Noëlie Gansoré descreve a forma como o drama é utilizado para ajudar a despertar a consciência da comunidade sobre a educação inclusiva e os direitos das crianças com deficiência a esta educação.



O projecto da Handicap International (HI) sobre educação inclusiva no Burkina Faso está a funcionar num meio em que dominavam as atitudes negativas em relação às pessoas deficientes. Consequentemente, tínhamos a noção de que promover a educação inclusiva iria requerer uma consciencialização prévia e um trabalho de informação junto de todos os responsáveis pela área educativa. No nosso contexto, estes incluíam professores, coordenadores educacionais, artesãos das zonas rurais, pais e, particularmente, pais de crianças deficientes.

Decidimos que uma representação seguida de discussões seria uma forma interessante de atingir pessoas que raramente visitam as escolas. Seria uma boa estratégia para transmitir mensagens, de forma acessível e culturalmente relevante. Foram organizados na região quatro eventos: em Tanghin-Dassori, na região centro, em Nimdi, na região leste, em Dondoulm, no norte e em Koumlèla no oeste.

Usámos a companhia de teatro Allah Dari (Allah Dari significa “Procuramos Deus”). Os actores – numa forma divertida eficiente e convincente – mostraram que as crianças deficientes são como as outras crianças. Têm o mesmo direito à educação, podem ter o mesmo sucesso escolar e a sua educação é um investimento proveitoso para os seus pais e para a sociedade.

Alguns dos actores eram pessoas com deficiência. Na peça, uma boa aluna era uma rapariga com deficiência e agora é ela que apoia financeiramente os seus pais e desenvolve serviços na aldeia (uma broca, um moinho, etc.)

Durante os quatro eventos, a equipa foi muito bem acolhida. As discussões que se seguiam à peça foram intensas. As audiências detectaram as atitudes negativas reveladas na peça que era necessário mudar para que as crianças deficientes fossem incluídas na educação.

Por exemplo, a peça realçou:

- A ridicularização das crianças deficientes
- A recusa de as mandar à escola porque as pessoas pensam que são incapazes de aprender ou porque os querem afastar, casando-as cedo.
- Os pais não se importando com a educação das crianças e não as ajudando nos seus estudos

Depois dos actores terminarem a sua representação, os membros da audiência – homens, mulheres e crianças – tomaram parte em actividades de dramatização. Representaram as atitudes positivas que achavam que alguns dos personagens deviam ter adoptado, em vez das negativas que mostraram nas representações.

A maior parte das peças foram realizadas nos mercados ou noutros locais públicos. Duas mil pessoas de todos os extractos sociais e todas as idades foram envolvidos, incluindo vendedores ambulantes, pessoas de passagem, alunos, os seus pais e professores.

Como resultado destas actividades de consciencialização, achámos que não precisávamos de trabalhar especificamente na admissão das crianças deficientes nas escolas, no início do novo ano lectivo de 2006-07. As comunidades agora já compreendiam que as crianças deficientes podiam frequentar as escolas e os professores estavam prontos recebê-las. Os pais decidiram voluntariamente matricular os seus filhos. Desde então, cerca de 100 “novas” crianças deficientes foram sinalizadas nas escolas de Tahghin-Dassouri, no primeiro ano ou nas classes transitórias.¹

A Semana de Acção Global para a Educação

No editorial do Boletim número 10 do EENET, de 2006 discutimos a Campanha Global para a Educação, que focava o tema “cada criança precisa de um professor”. Aqui, a Noelle fala sobre as actividades das Handicap International (HI) no Burkina Faso, durante esta campanha.

O projecto da educação inclusiva da H.I. quis utilizar a Semana da Acção Global para dar maior relevo às suas mensagens sobre a qualidade da educação inclusiva. Assim, apoiámos os alunos e os professores de Tanghin-Dassouri a fazer modelos em grande escala e cerca de 300 desenhos.

Os modelos e os desenhos representavam aquilo que os professores consideravam ser “o professor ideal”. Levaram mensagens que apelavam para estratégias adequadas ao ensino e para melhores condições de trabalho para os professores. Por exemplo:

- Formem os nossos professores em língua gestual de modo a que possam ensinar alunos surdos como nós.
- Um saco vazio não pode ficar em pé.
- Instalações decentes e qualidade de ensino.
- Os nossos professores apoiam-nos em todas as actividades. Ajudem-nos a ser

¹ As classes transitórias destinam-se a crianças surdas e cegas das áreas rurais que nunca antes frequentaram a escola. Nas classes ensinam-lhes a comunicação e as competências de aprendizagem, básicas, de modo a que possam participar nas classes regulares. As crianças estão nestas classes durante 2 ou 3 anos e convivem com os outros colegas nos recreios. Em breve, iremos avaliar o impacto e a sustentabilidade destas classes.

melhores professores.

A 28 de Abril, os modelos e os desenhos de Tanghin-Dassouri foram expostos, orgulhosamente, ao lado dos feitos por outras escolas. Uma multidão de cerca de mil alunos, professores e outros agentes no campo educativo desfilaram desde as escolas de Paspanga até à Praça das Nações em Ouagadougou. Mostraram os seus modelos e desenhos a uma multidão de espectadores que foi crescendo ao logo do caminho. O Ministro da Educação Básica, um delegado dos deputados da Assembleia Nacional e outras personalidades tradicionais assistiram á cerimónia onde puderam ver as figuras que representavam o “professor ideal”.



A H.I. publicou um artigo num jornal diário sobre a inclusão de alunos surdos em Tanghin-Dassouri. No artigo, um aluno surdo – que estava incluído na escola – pediu que os seus amigos que não tinham acesso à escola não fossem esquecidos. Esta mensagem foi tão forte que a rádio local transmitiu a história. Em resposta a este programa de rádio, um empresário doou comida para a H.I. entregar às crianças envolvido no projecto de educação inclusiva. Os pedidos dos alunos surdos ajudaram a reforçar as mensagens que tinham sido transmitidas através as actividades de dramatização da Campanha Global.

Noëlie é responsável e consultora de educação na H.I. para o projecto da educação inclusiva. Tem cerca de 25 anos de experiência em investigação e educação. Desde 2003, também trabalhou como investigadora no Departamento de Educação do Instituto de Ciências Sociais no Centro Nacional de Investigação para a Ciência e Tecnologia.

**Contacto:
Inclusive Education Project
Handicap International
BP 541
Ouagadougou 01
Burkina Faso
Email: hibfeduc@cenatrin.bf**

Utilização de desenhos de crianças na investigação sobre a inclusão racial numa escola em Inglaterra

Annita Eliadou, Wai Ming Lo, Sara Servio, Francis Simui

Neste artigo, quatro estudantes da Universidade de Manchester oriundos de Chipre, Hong Kong, Inglaterra e Zâmbia explicam como trabalharam em conjunto para dar voz aos alunos numa escola primária de Manchester, desenvolvendo um processo de investigação sobre o problema da inclusão racial na escola.

No nosso curso de mestrado sobre educação inclusiva, tivemos que elaborar um projecto de investigação com base em inquéritos feitos na escola. A escola que participou na nossa investigação está envolvida no Manchester Inclusion Standard (ver pág. 59)

A inclusão racial é uma das principais preocupações da escola primária onde fizemos a nossa investigação. Os alunos provêm de 15 contextos étnicos diferentes e falam 19 línguas diferentes; 57% dos alunos são Caucasianos e 43% não são. A escola queria saber se o contexto racial é uma barreira para a inclusão dos alunos. É uma escola empenhada em trabalhar incansavelmente para remover essas barreiras e já recebeu um prémio em ouro pelos seus esforços.

A nossa investigação levou quatro meses e fizemos oito visitas à escola. Tivemos reuniões regulares com o director para planearmos em conjunto a investigação. Concentrámo-nos nos intervalos para ver se todos os alunos brincavam uns com os outros.

Pedimos aos 233 alunos com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos que participassem na investigação através de um concurso de desenhos no qual podiam ganhar prémios. Foi-lhes pedido que desenhassem os amigos com quem brincavam nos intervalos e escrevessem os seus nomes. Usámos os desenhos para identificar todas as relações de brincadeira que estavam a acontecer e registámo-las em sociogramas (ver diagrama). Pudemos assim começar a perceber se os alunos estavam a brincar em grupos racialmente inclusivos ou em grupos racialmente segregados.

Também entrevistámos alunos sobre o que pensavam das suas vidas na escola e se se sentiam ou não incluídos na escola; 95% disseram que a escola era um lugar agradável.

“Gosto da minha escola porque tenho cá muitos amigos.”

“Gosto da minha escola porque os meus professores são muito simpáticos”.

Verificámos que na generalidade a escola é racialmente inclusiva, mas estavam a acontecer exemplos de segregação racial entre alguns dos alunos, o que podia tornar-se uma barreira à sua plena inclusão na vida escolar.

Como a escola já está empenhada em usar métodos de investigação para melhorar as suas práticas, os resultados da actividade de desenho dos alunos podiam ser um ponto de partida para se continuar a investigar a razão desta segregação.

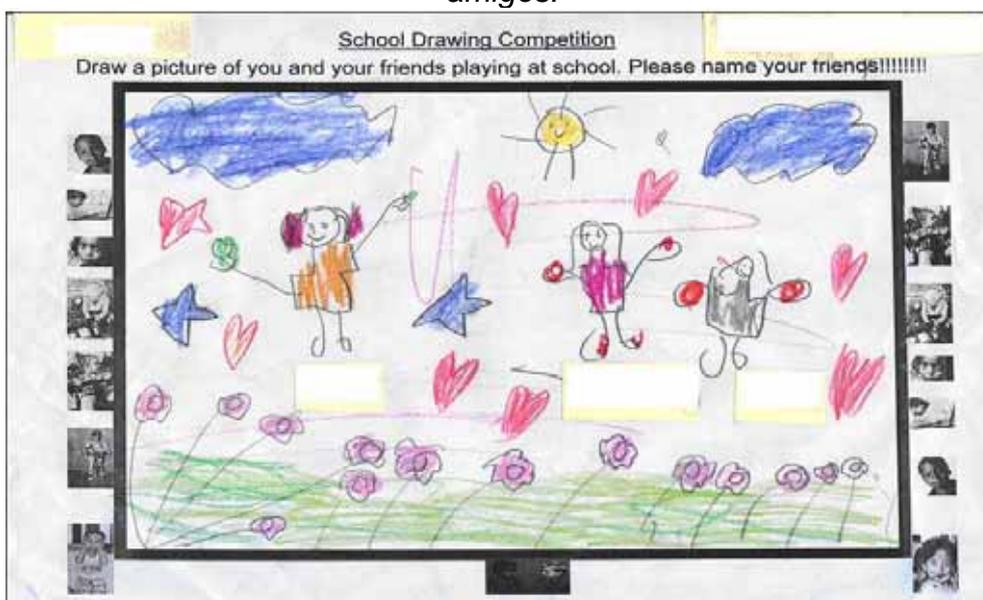
Assim, o director resolveu pôr-se em campo relativamente aos exemplos de segregação racial identificados entre os alunos.

Através deste projecto de investigação com inquéritos baseados na escola, conseguimos promover actividades que davam voz aos alunos e ajudar a escola a avançar na sua investigação-acção.

O trabalho mostrou-nos a importância que pode ter a utilização das opiniões dos alunos no que se refere a práticas e à elaboração de políticas que directamente os afectam. Descobrimos que a educação inclusiva é realmente possível se todos os agentes da educação tiverem vontade de colaborar.

Concurso Escolar de Desenhos.

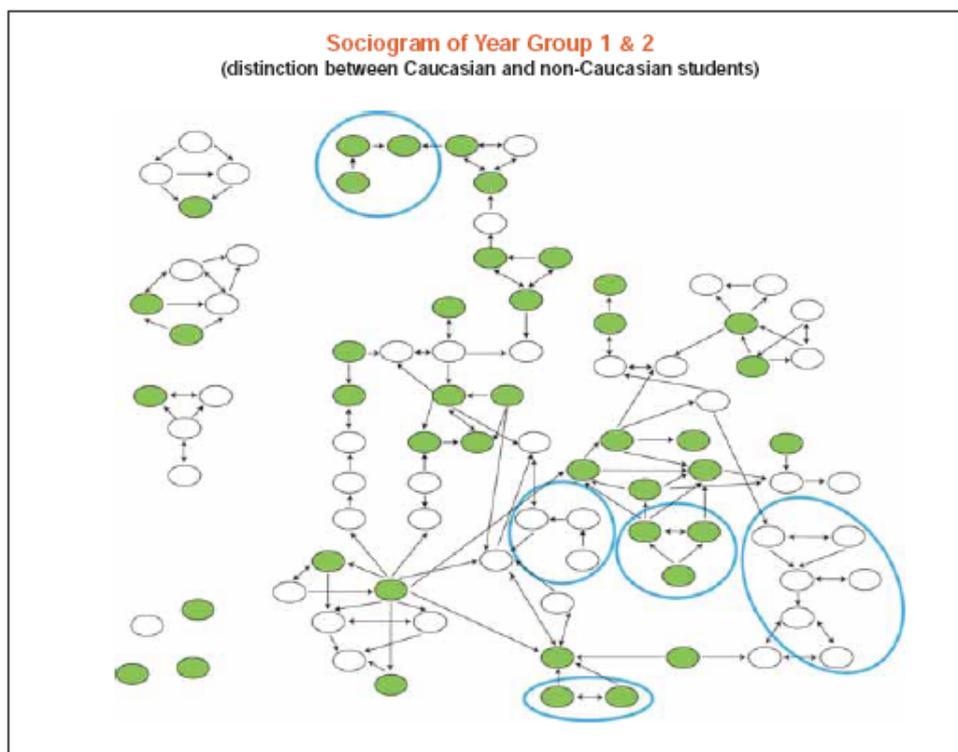
Desenha o teu retrato e dos teus amigos a brincar na escola. Escreve o nome dos teus amigos.



Desenho de um aluno. Todos os nomes foram apagados para preservar o anonimato

Este sociograma refere-se a ao 1º e 2º anos. Cada oval representa um aluno que participou no concurso de desenho. As setas mostram quais são os amigos preferidos de cada aluno. Os alunos Caucasianos são representados por ovais brancos e os não-Caucasianos por ovais verdes. Os círculos azuis indicam onde parece que os alunos estão a brincar apenas com colegas como eles (Caucasianos ou não-Caucasianos).

*Sociograma do grupo do 1º. e 2º. anos
(distinção entre alunos Caucasianos e não-Caucasianos)*



O que é um inquérito baseado na escola?

Em todo o mundo, os sistemas educativos enfrentam o desafio da diversidade dos alunos e o ensino superior precisa de responder a este desafio. Na edição nº 10 do “Enabling Education”, Jamie Williams defendia que o estágio e a actualização dos professores não deviam acontecer isoladamente – deviam fazer parte de uma mudança completa do sistema de organização das escolas.

Os alunos de mestrado que estudam educação inclusiva na Universidade de Manchester têm que pôr em prática um projecto de investigação, através de inquéritos baseados na escola. Este curso inovador desenvolve competências e uma capacidade de compreensão dos problemas nos estudantes para poderem vir a desempenhar papéis de liderança no âmbito destes desafios. Foca maneiras de se conseguir mudanças a nível da aula, da escola e do sistema.

Para mais informação sobre o M. Ed. in Inclusive Education, contactar Susie Miles.
E-mail: susie.miles@manchester.ac.uk ou escrever-lhe via EENET.

Em 2007, o grupo de alunos que escreveu este artigo ganhou o primeiro prémio - na categoria curricular de pós-graduação - dos ‘Prémios de Trabalho de Grupo’ anuais (‘Student Team Working Awards’). O júri considerou que a qualidade do seu trabalho de reflexão era excepcionalmente elevada e que não havia dúvidas de que eles mereciam ganhar!

Francis Simui é orientador de professores primários da Zâmbia. Wai Ming Lo é inspector escolar de Hong Kong. Annita Elladou, de Chipre, é formada em Biologia Comportamental Humana pela Universidade de Toronto, Canadá. Sara Servio vive em Inglaterra e é mãe duma criança com autismo. Podem ser contactados via EENET.

A utilização das ideias do alunos para tornar o ensino mais inclusivo, Brasil

Windyz Ferreira e Mel Ainscow

Nos últimos anos, tem-se assistido, no Brasil, a um imenso progresso nos esforços para se atingir a meta da Educação para Todos, estabelecida pelas NU. No entanto, à medida que aumenta o número de crianças escolarizadas, mantêm-se os desafios referentes às práticas que possibilitam uma aprendizagem eficaz para todas as crianças. Isto lembra-nos que “a escola para todos” não é a mesma coisa do que “a educação para todos”.

Recentemente, coordenámos um projecto que visava o desenvolvimento de práticas inclusivas num grupo de escolas em S. Paulo. Era um projecto conjunto, em parceria com a universidade de Manchester e financiado pelo British Council.

No âmbito do projecto, entrevistámos adolescentes que frequentavam diferentes faculdades, perguntando-lhes o que mais lhes tinha agradado nos seus professores e o que consideravam ser um ensino de qualidade. As suas respostas deram-nos indicações muito úteis sobre o que é necessário fazer para tornar as escolas mais inclusivas.

Alguns comentários foram os seguintes:

- “Gosto dos professores que nos ouvem!”
- “Gostamos dos professores que nos explicam várias vezes os assuntos que temos dificuldade em compreender.”
- “As melhores lições são as que são interessantes: os seja, podemos falar com os nossos colegas sobre o que estamos a aprender...é aborrecido quando estamos ali, sentados, a olhar para o professor e a tomar notas, enquanto ele (a) está a escrever no quadro e a falar.”
- “As aulas práticas são boas. Gosto delas porque eu posso aprender melhor se fizer coisas e ver como elas acontecem”.
- “As questões que fazem parte da nossa vida são mais fáceis do que as coisas estranhas que não significam nada para nós...”.

Comentários como estes mostram-nos claramente que os alunos têm boas ideias sobre a forma como as aulas podem ser mais úteis para eles. Levam-nos a argumentar que, ao ouvir as ideias dos alunos, os professores podem ser levados a rever as suas estratégias de ensino, de modo a ir o encontro de mais alunos nas suas aulas. Desta forma, ficarão melhor preparados para reavaliar o objectivo e as prioridades das suas aulas e a ser capazes de responder as questões vitais tais como:

- Será que o conteúdo desta aula é relevante para todos os alunos?
- Será que ficarão interessados no tipo de actividades que estou a planear?
- Como posso tornar as minhas aulas mais dinâmicas e interactivas?

Nas escolas do nosso projecto, comprovámos a evidência do potencial desta estratégia. Em particular, vimos como grupos de professores, a partir da discussão

que tiverem sobre as ideias dos alunos, foram levados a experimentar estas novas estratégias de ensino.



Infelizmente, há barreiras que têm de ser ultrapassadas. Algumas são de tipo organizacional. Por exemplo, os professores do Brasil são obrigados a trabalhar durante longas horas, muitas vezes em mais do que uma escola, e são muito mal pagos. No entanto, outras barreiras decorrem das atitudes. Por exemplo, ouvir professores dizer:

- “As crianças não capazes de dar qualquer contributo – são muito pequenas...”
- “Os alunos das escolas oficiais são muito pobres, carenciados, não têm regras, e, portanto, não podem ter ideias sobre o que é melhor para eles” –
- “Os alunos não compreendem porque fazemos as coisas desta forma”.
- “Pessoas jovens e vulneráveis não estão em posição de ter alguma coisa a dizer sobre a forma como o professor deve ensinar ou sobre os temas curriculares que são relevantes para eles”.

Crenças como estas sobre o papel limitado que as crianças e os jovens podem desempenhar na sua própria aprendizagem, criam uma profunda falta de comunicação entre professores e alunos. Isto pode asfixiar a noção de que “todos aprendemos melhor se colaborarmos uns com os outros”.

No entanto, o caminho a seguir deve ser criar condições de trabalho que levem os professores a sentir-se encorajados a aprender uns com os outros e, o que é ainda mais importante, a aprender com os alunos.

Windyz Ferreira é Professora Sénior na Universidade Federal de Paraíba e investigadora no campo da educação inclusiva. Contacto: windyz_ferreira@hotmail.com ou via EENET. Mel é Professor de Educação na Universidade de Manchester. Contacto via EENET.

Educação inclusiva: a minha perspectiva

Lucia Bellini

Sou uma estudante universitária de 23 anos de idade e cega de nascença. Em Janeiro de 2006, a Save the Children pediu-me a mim e a mais cinco jovens com deficiência para falarmos num encontro na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências, ao mesmo tempo que também orientámos um seminário em que se chamava a atenção para os problemas que os deficientes enfrentam em todo o mundo. Falei da importância da educação inclusiva e expliquei porque razão as pessoas com deficiências devem ser educadas com os seus iguais.

Fui educada numa escola do ensino regular e sinto que isso teve o maior impacto na minha vida. Comecei por frequentar uma escola especial para cegos. Aos oito anos, mudei para o sistema de educação regular, onde permaneci e estou agora a acabar uma licenciatura em Francês, Inglês e Espanhol. No ano passado, estive três meses a trabalhar num orfanato da Costa Rica, sete meses a ensinar Inglês numa escola secundária em França e três meses a frequentar uma escola de línguas em Itália. Como não me apeteceu voltar logo para o Reino Unido, fiz uma experiência de trabalho de mais um mês na Roménia como jornalista para uma revista de língua inglesa. Sinto que nada disto teria sido possível se eu não tivesse frequentado durante tantos anos o sistema de educação regular.

Não posso mentir e dizer que frequentar o ensino regular foi fácil porque não foi mesmo nada fácil. Fui vários anos atormentada por ser cega e também tive professores de apoio “sufocantes” ou horríveis. Senti-me muito só; pensei que não havia ninguém no mundo que compreendesse a minha deficiência. No entanto, acho que esta experiência me tornou muito mais forte e muito mais consciente das amargas realidades da nossa sociedade.

Por outro lado, também aprendi que, embora eu tenha uma deficiência, não sou menos importante ou menos inteligente do que qualquer pessoa que não seja deficiente e que posso conseguir seja o que for. Vejo pessoas que frequentaram escolas especiais e que têm uma percepção diferente da vida. Geralmente não têm ambições e não se sentem dispostas ou capazes de denunciar ou de lutar por qualquer coisa que não lhes agrade (por ex. o apoio que lhes é concedido).

Academicamente, não são incentivados para atingirem o seu potencial. Do meu ano, da escola especial que frequentei, apenas um aluno entre quinze foi para a universidade. Assim, como é vital para pessoas deficientes a educação inclusiva é também essencial para crianças não deficientes. Ajuda-as a aprender desde muito cedo a respeitar as diferenças e a estabelecer relações com os seus colegas deficientes. Tenho muitas vezes pensado qual a razão de tanta ignorância na nossa sociedade em relação à deficiência. Julgo que a resposta está no facto de as pessoas não estarem expostas à deficiência. Como é que se pode saber alguma coisa sobre um assunto se nunca se experimentou e se nunca se conheceu ninguém nessa situação? Se os dois grupos estiverem sempre separados nunca aprenderão a conviver um com o outro.

Para se conseguir que tanto os deficientes como os não deficientes se sintam mais à vontade uns com os outros e consigo próprios é indispensável deixar de pensar na deficiência como uma coisa má. Muitas crianças deficientes, incluindo eu, passam anos a pensar que são um fardo para os seus colegas não deficientes. Dá-se muita ênfase a que os amigos não deficientes devem ajudar as crianças deficientes naquilo que eles não são capazes de fazer devido à sua deficiência mas é igualmente importante reconhecer que as crianças deficientes têm as mesmas capacidades noutras coisas. Só porque não podem fazer uma coisa ou precisam de ajuda quando participam numa determinada actividade, isso não significa que não possam ajudar os seus amigos não deficientes noutra coisa em que tenham dificuldade. E isto deve ser encorajado, pois não só leva a que as crianças deficientes se sintam mais úteis, como também dá oportunidade às não deficientes de aprenderem que as crianças deficientes são tão capazes como as outras, apesar da sua deficiência.

É importante perceber-se que todas as crianças são indivíduos e que, por conseguinte, aprendem de diferentes maneiras. Por exemplo, as crianças cegas aprendem bem ouvindo, as crianças com dificuldades de aprendizagem ou as crianças que não são muito activas aprendem melhor quando se movimentam. Todas as crianças beneficiariam se fossem introduzidos no currículo mais métodos alternativos de aprendizagem, de modo a que aprender não seja apenas estar sentado quieto numa carteira todo o dia.

Gostaria de chamar novamente a atenção para a importância da educação inclusiva para todas as crianças deficientes, pois isto ajuda-as social e academicamente, ao mesmo tempo que também ensina os seus colegas não deficientes a interagirem positivamente e a relacionarem-se com pessoas deficientes.

A Lucia vive em Londres. Terminou agora a sua licenciatura em Francês, Espanhol e Italiano e vai em breve começar a trabalhar como coordenadora de reconhecimento da deficiência num grupo de auto-ajuda em Papua Nova Guiné. Está activamente envolvida na política da deficiência. Contacto: lucia_bellini@hotmail.com ou via EENET.

Educação Privada na Tailândia

Sorayot Phanayanggoor

A Educação inclusiva não é largamente conhecida na Tailândia. Muita gente ainda acredita que crianças com necessidade de uma educação especial devem ser educadas também num contexto especial. Há poucos exemplos de escolas que estejam a desenvolver os seus próprios métodos e iniciativas de inclusão sem suporte central do governo. É este o caso de uma escola pré-primária e primária no norte de Bangkok. Esta escola tem vindo a praticar a inclusão há vários anos, sem se aperceber que o seu trabalho se enquadra na definição de educação inclusiva. Este artigo propõe a abordagem da escola a uma educação destinada a um leque diversificado de crianças. E também explica como as fotografias têm vindo a ser usadas para ajudar os alunos a expressarem os seus pontos de vista acerca da escola, promovendo, assim, o seu desenvolvimento.

A escola chama-se Settabutr Upathum e tem uma frequência de 1000 alunos. Tem uma política de admissões quase sem restrições, embora, na realidade, não seja uma política de total abertura, dado que se trata efectivamente de uma escola privada. Todavia, as escolas primárias onde se pagam propinas na Tailândia (especialmente Bangkok) são muito comuns e as propinas são mantidas a um nível acessível, estabelecido pelo Ministério da Educação. Assim, apesar de se poder argumentar que as escolas privadas não podem ser plenamente inclusivas, devemos considerar estas escolas, no seu contexto local e nacional.



Este cartaz tem escrito “Bem-vindo”. É a primeira coisa que os visitantes vêem quando chegam à escola

A escola está situada numa área de classe média baixa de Bangkok, onde vive a maior parte dos alunos que podem pagar as propinas escolares. A escola faz o melhor que pode pelos alunos que admite. A muitas crianças com necessidades educativas especiais que, noutras escolas, poderiam ser rejeitadas ou convidadas a sair, é dada a oportunidade de frequentarem esta escola em sistema de integração.

No corpo docente não há professores especializados (é difícil encontrá-los e tendem a fixar-se no ensino especial). Além disso, também não receberam preparação no ensino inclusivo. Mas o corpo docente trabalhou em regime de colaboração, durante anos de experiência, no ensino integrado. Colaboraram em reuniões semanais e avaliações de fim de período a fim de proporcionarem a melhor educação possível a todos os alunos. Embora nenhum professor possa estar totalmente seguro de fazer o que é considerado

“correcto”, a opinião de alunos de anos anteriores leva a concluir que a escola tem feito um bom trabalho ao proporcionar educação a estas crianças que habitam na localidade. A escola teve que ultrapassar, interna e externamente, muitos obstáculos desde que abriu a matrícula a crianças com necessidades educativas especiais. Entre os problemas encontrados, apontam-se as atitudes do corpo docente em relação a estas crianças. Registou-se também a contestação dos pais que não compreendiam os benefícios da educação inclusiva. Apesar disso, toda os agentes educativos se empenham agora na educação inclusiva para que nenhuma criança seja privada do ensino que merece. Como parte do processo de ajuda à escola para que apresente resultados das suas práticas pedagógicas e lute por um aperfeiçoamento contínuo, desenvolvi, com alguns alunos, um pequeno projecto fotográfico participativo.



As suas ideias confirmaram-me que uma liderança forte representa um papel importante no sucesso da educação inclusiva. Uma das fotografias, tirada por um aluno autista, mostra a porta da frente da casa do director da escola. Ele explicou, *“É a casa do director da escola que me deu a oportunidade de estudar aqui e portanto estou-lhe muito agradecido”*. Esta opinião foi corroborada pelos pais das crianças com necessidades educativas especiais que se sentiam muito agradecidos pelo facto da direcção da escola ter dado aos seus filhos a oportunidade de estudarem.



O projecto de fotografias deu às crianças a oportunidade de expressar as suas opiniões sobre a escola. Algumas crianças participaram menos, talvez por não estarem habituadas com esta forma de trabalhar. No entanto as crianças expressaram pontos de vista e opiniões que não se ouvem normalmente na cultura Thai. A actividade permitiu-lhes explorar a criatividade e pensar de forma crítica sobre a sua escola.



Este projecto resultou porque a direcção da escola teve em consideração algumas das observações das crianças e, a partir daí, procurou implementar as necessárias melhorias. Por exemplo, um grupo manifestou preocupação acerca da colocação dos bidões de reciclagem da escola. Sentem que os alunos os utilizariam mais vezes se fossem colocados num local mais acessível e mais visível. Esta hipótese foi agora apresentada ao Conselho de Estudantes para ser tomada em consideração em ulteriores disposições. Um outro grupo declarou que gostaria que as religiões (Budismo e Catolicismo) fossem ministradas na escola, dado que ambas as religiões lhes ensinavam a serem calmos e a preocuparem-se com os outros, o que poderia contribuir para criar um ambiente inclusivo. Um terceiro grupo fez comentários a propósito de um dos partidos que se propunha para a eleição do Conselho Escolar. Assim, votariam nesse referido partido porque *"apresentava um bom plano de acção"*



Sinto que este tipo de "projecto de fotografia" pode, de facto, promover "a voz do aluno" de forma mais eficaz (embora o seu sucesso possa depender das instruções dadas - as minhas instruções poderiam eventualmente ser melhoradas!). Penso que nesta escola os resultados poderiam ter sido diferentes se a acção tivesse sido levada a cabo por um membro do corpo docente. Julgo que os alunos talvez se tivessem sentido intimidados para expressarem pontos de vista críticos, tentando evitar reacções negativas do corpo docente.



A escola luta para ser tão inclusiva quanto possível, não por esta ser a orientação corrente em educação, mas porque o director acha que é o que se deve fazer. Para mim, não importa que termo está a ser usado para descrever a educação na escola, desde que continue a política de admissões “livres” e se esforce por proporcionar a melhor educação possível para as crianças que a frequentam – é o que interessa. Certamente, algumas das suas práticas precisam de ser aperfeiçoadas, mas a escola está a desenvolver um grande esforço para ser inclusiva.



Se tudo correr bem, actividades tais como o “projecto de fotografia” ajudam os alunos e o corpo docente a trabalhar em conjunto a fim de introduzir as mudanças necessárias

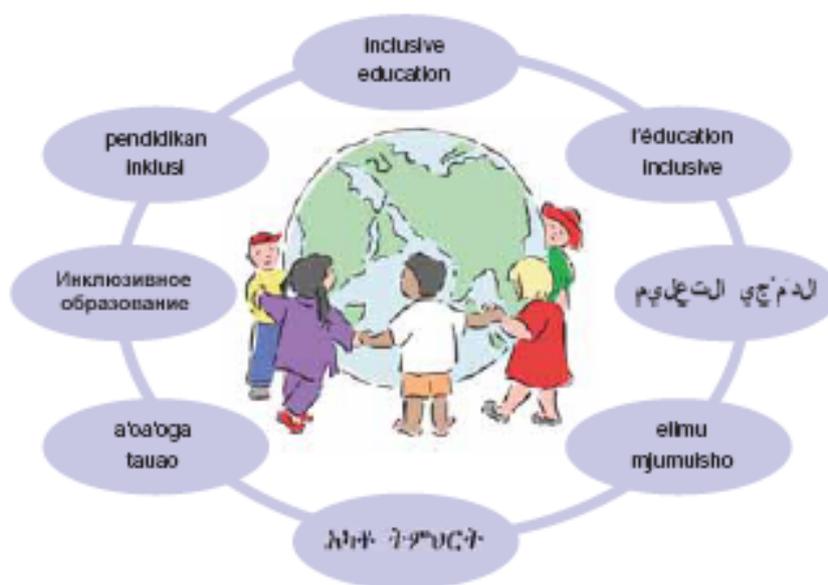
Gostaria de organizar debates sobre escolas privadas e escolas inclusivas. Pensam que escolas onde se pagam propinas podem ser inclusivas? Como é que a escolaridade inclusiva em regime de iniciativa privada pode ser eficaz sem apoio central do governo? Pode a fotografia como tarefa de participação ser aplicada com sucesso num sistema autoritário de educação?

Sorayot Phanayanggoor (conhecido como Gong) é um estudante da Universidade de Manchester. Planeia voltar à Tailândia para promover a educação inclusiva, depois de ganhar mais experiência como professor assistente numa escola primária de Manchester. Pode ser contactado em sorayot@yahoo.co.uk ou via o endereço postal do EENET. O site da escola é: www.stbu.ac.th.

Avaliação do EENET

O EENET foi avaliado em 2006. Avaliar uma rede tão diversa e global é uma tarefa quase impossível! Apesar disso, o processo ajudou a realçar as metas alcançadas e os erros cometidos. A avaliação teve lugar numa ocasião em que o EENET estava a lutar pela sua sobrevivência financeira. Assim, muitas recomendações dizem respeito aos recursos, às estruturas e à equipa de trabalho. No entanto, o relatório significa uma celebração de 10 anos de trabalho em rede. Contém comentários dos colaboradores e utilizadores do EENET que são desafios e expressões de congratulação. Neste artigo, a Susie Miles e a Ingrid Lewis apresentam um resumo desta avaliação.

O EENET tem procurado aumentar o papel da educação inclusiva no Sul e contrariar os pontos de vista habituais em relação ao desenvolvimento. Insiste em ser uma rede que se baseia no relacionamento aberto e igual com o Sul. Facilita serviços mas recusa impor orientações. Pelo contrário, tem procurado estabelecer uma troca de experiências e debater os conceitos fundamentais da inclusão, tornando visíveis as iniciativas concretas que estão a decorrer no Sul.



Actividades de avaliação

- Avaliação dos relatórios anuais do EENET, das publicações e de outros registos e estatísticas
- Análise do questionário enviado a todos os contactos de base do EENET. Respostas vindas de África (66%), da Ásia (15%), da Europa (13%), da Australásia (3%), do Próximo Oriente (2%), das Caraíbas (1%) e da América do Sul (1%)
- Discussões de grupos focais (três com os utilizadores da África Oriental, um com os do R.U.)
- Entrevistas com os fundadores do EENET e outros colaboradores-chave, membros de equipas de trabalho, etc.
- Avaliação sobre a sua consulta e utilização do Boletim e do site do EENET

Avaliação sobre os pontos de vista dos utilizadores focada em

- O que pretendem do EENET os que trabalham directamente na educação inclusiva?
- Obtêm aquilo de que precisam? O que pretendem mais?
- (serviços e expectativas)
- As metas e objectivos do EENET são claros para todos os seus utilizadores e colaboradores? (identidade)
- Como contactam com o EENET os seus utilizadores e colaboradores? (acesso)
- Existe um apoio global ao EENET? (reconhecimento)
- Existe uma procura em relação à regionalização?
- Que ideias existem para um desenvolvimento organizacional futuro?

Os pontos fortes do EENET

- A avaliação revelou que o EENET tem:
- A capacidade de manter e comunicar uma perspectiva global sobre educação inclusiva e sobre iniciativas concretas que têm lugar no Sul
- O reconhecimento de que consegue responder duma forma amigável, aberta e convidativa a todas as perguntas
- O reconhecimento da sua capacidade de envolver não só as “pessoas importantes” mas os professores isolados, os pais ou os jovens trabalhadores, quer estejam num grande serviço burocrático quer num local remoto
- A capacidade rara de, simultaneamente, ter uma linguagem acessível aos seus leitores e possibilitar o debate e o aprofundamento das questões conceptuais relativas à inclusão.
- A capacidade de produzir boletins e outros materiais, aparentemente fáceis de ler mas que, de facto, são uma vanguarda em termos de investigação, debate e informação. Isto consegue-se através duma avaliação eficiente e da capacidade de apresentar os aspectos fulcrais das questões ou das práticas que estão em discussão.
- Desenvolver relações com pessoas que, em todo o mundo, actuam no terreno na área da inclusão
- A neutralidade que deriva do facto de ser independente, não filiado com nenhum governo, organização, ONG de grande relevo ou qualquer outro grupo de pressão.

Sumário das recomendações

Financiamento – O EENET precisa de garantir uma segurança financeira, precisa de diversificar estratégias destinadas a conseguir o apoio de financiadores e precisa de avaliar a sua posição em relação a “vender serviços” e impor a sua imagem.

O site – deve aperfeiçoar-se a navegação no site; a avaliação do site deve ficar mais dependente do controle do EENET (menor ligação a apoios voluntários).

Facilidades de leitura – Alguns dos materiais do EENET precisam de ser mais acessíveis à leitura.

Identidade – O EENET deve determinar com mais clareza/frequência quais os princípios que defende.

Redes nacionais/regionais – O EENET precisa de manter/desenvolver o seu apoio a estas redes.

Responsabilidade – O Grupo Coordenador precisa de ser reanimado e adaptado de modo a orientar melhor a missão do EENET.

Estruturas de expansão – O EENET precisa de desenvolver uma estrutura que lhe permita expandir-se, indo ao encontro da procura, embora mantenha a sua tão valorizada “estratégia pessoal”.

Relação com a Universidade de Manchester – O EENET deve continuar a avaliar os benefícios que lhe advém da sua localização na Universidade e estudar outras alternativas para uma localização futura.

Quadro de Pessoal – verifica-se a necessidade de aumentar os recursos humanos (o que implica um aumento dos meios financeiros).

Os resultados da avaliação revelaram que o EENET deve proporcionar:

Mais análises

“Actualmente cabe ao leitor realizar as suas próprias avaliações e análises “ mas o EENET poderia assegurar esta análise. Isto faz parte, igualmente, da disseminação da informação e da partilha. Actualmente, o EENET considera que cabe aos leitores tomarem nas suas mãos a sua própria aprendizagem e que não há a certeza de que se deva apresentar uma análise que seria necessariamente parcial. (No entanto), o EENET poderia produzir mais informações sobre as razões que estão na base dos sucessos e dos insucessos das actividades realizadas”.

Mais investigação-acção

“Há uma distância entre a avaliação e a prática, tal como entre a política e a prática e o EENET está bem posicionado para a ultrapassar, tanto no Norte como no Sul”.

Mais interacção pessoa-a-pessoa

As pessoas não querem mais orientações, manuais e guias: já têm estes “como fazer...” em número suficiente. O que elas querem é uma interacção, pessoa-a-pessoa. E ao estarem no terreno também podem ajudar a equipa do EENET a actuar como catalizadora da acção, assim como a ampliar a sua compreensão em relação aos contextos a que está ligada”.

A avaliação sublinhou dois factores muito importantes em relação ao EENET

O meio de comunicação é a mensagem

O EENET sempre acreditou que a melhor forma de promover a inclusão consiste na demonstração da sua prática. Uma das estratégias que o EENET utiliza para o conseguir é através da partilha de informação e dos debates abertos a todos, utilizando estilos de comunicação que todas as pessoas podem compreender.

“...(tem) a capacidade de ser acessível, de apresentar ideias complexas através de processos simples, de se envolver em debate sobre a inclusão e sobre o que isso significa, de publicar o material (boletim) ...(a sua acessibilidade vem de) o conteúdo que aí coloca, o estilo, quem o caracteriza, e quem contribui para ele...encoraja o debate crítico. (O EENET partilha) não somente histórias piegas, mas exemplos que demonstram o trabalho pioneiro feito no Sul. Isto é a prova do que aí pode ser feito e está a ser feito.

Princípios fundamentais

“A força do EENET assenta no seu empenhamento em reflectir conscientemente esses princípios e se manter firmemente ligado a eles. Isto torna-se vidente através da forma como o EENET estabelece as suas prioridades e a sua capacidade de resposta a todos os que são considerados por outras ONG’s como pouco importantes ou pouco significativos. O *ethos* da aprendizagem mútua e a sua

abertura às lições vindas do Sul penetra na sua correspondência e surge no *feedback* das respostas recebidas durante a avaliação. Tal como refere um dos grupos focais:

“ A força do EENET é também a sua reflexão consciente e a sua decisão em caminhar “contra a corrente”, não se submetendo a ela. Subestima-se a si próprio e subestima a posição avançada em que se encontra no debate sobre a inclusão”.

A informação contida neste artigo foi retirada da avaliação do EENET conduzida por Duncan Little e Anise Walkjee. As citações foram retiradas dos textos dos consultores e dos utilizadores. A avaliação foi financiada pelo NFU – The Norwegian Association for Persons with Development Disabilities – que foi um dos financiadores do EENET até 2004. O relatório completo da avaliação e um relatório resumido estão disponíveis no EENET.

“Antes de ir a um novo país, consulto o EENET (site) porque aí encontro informação válida e de qualidade sobre o que aí está, concretamente, a acontecer”.

Utilizador do EENET.

EENET: olhando para o futuro

A par da celebração do nosso 10º aniversário, neste ano, temos estado a pensar activamente naquilo que podemos fazer nos próximos 5-10 anos. Durante a última década, o EENET tem tido o orgulho de ser uma rede “orgânica” e inclusiva – evoluindo de modo a reflectir a informação e as necessidades de partilha dos seus utilizadores. No entanto, mesmo uma rede fluida, tal como o EENET, precisa de ter alguma espécie de plano formal que a ajude a orientar o seu desenvolvimento e a atrair financiadores. Este artigo descreve as linhas gerais de alguns dos pontos-chave do nosso plano quinquenal.

Criação do plano

Os planos anteriores do EENET eram, geralmente, desenvolvidos através de um processo de consultas feitas aos membros do "grupo coordenador" e de outros “amigos críticos”. Agora, estes planos constituem a base de plano estratégico para 2007-2011, elaborado a partir de muitas das recomendações apresentadas pela avaliação (ver pág. 24-27)

Em Janeiro de 2007, em Londres, realizámos o seminário de celebração do 10º aniversário. Nessa ocasião, pedimos aos participantes que comentassem a primeira versão do plano estratégico. No entanto, em vez de lhes solicitar que lessem o plano, demos-lhes cartões ilustrados (alguns dos 30 cartões estão aqui representados). Cada cartão contém uma fotografia ou uma banda desenhada com algumas palavras relativas a um dos objectivos propostos para o EENET. Pediu-se aos participantes que ordenassem os cartões numa folha de papel, de modo a mostrar quais os objectivos que eram de alta ou baixa prioridade. Também lhes foi pedido que explicassem a razão dessa escolha e que pensassem como eles próprios, ou a sua organização, poderiam ajudar o EENET a atingir esses objectivos. O plano e os cartões foram também enviados para os parceiros regionais do EENET para que eles os comentassem. Todo o *feedback* recebido foi tido em consideração na altura da decisão sobre o estabelecimento das prioridades.

O nosso plano

Desenvolvimento de redes

“O EENET irá desenvolver, manter e expandir as suas actividades de partilha de informação. Irá encorajar, aconselhar e apoiar redes de partilha de informação a nível nacional e regional”.

- Continuar a dar prioridade ao desenvolvimento dos nossos principais instrumentos de trabalho em rede – o boletim e o site.
- Redesenhar o site de acordo com as recomendações da avaliação
- Apoiar o planeamento dos trabalhos em rede
- Realizar, pelo menos uma vez por ano, uma visita de apoio a cada rede regional
- Orientar uma discussão através de E-mail



sobre o sistema de apoio Sul/Sul, de modo a que as redes regionais possam partilhar ideias e experiências sobre a eficácia do trabalho em rede

- Desenvolver uma estratégia de apoio às redes regionais, a partir das experiências de parcerias existentes
- Apoiar, cada ano, uma actividade de trabalho em rede de maior dimensão (por exemplo, um evento ou uma publicação)
- Ser mais interveniente no apoio a ONG's internacionais do R.U e da Europa que exercem actividades em educação inclusiva

Área estratégica: Desenvolvimento de redes



Desenvolver um instrumento prático de orientação para redes nacionais e locais, assente na experiência passada e actual dos parceiros regionais do EENET. A ser actualizada anualmente ou de dois em dois anos.

Documentação

“O EENET irá desenvolver a competência das pessoas que trabalham no terreno, de modo a documentar o seu trabalho e partilhar informação, conhecimento e recursos, tendo em vista a promoção das iniciativas de educação inclusiva.”

- Continuar a promover e apoiar a investigação-acção e a documentação das experiências, baseada em imagens
- Identificar/produzir e/ou apoiar os utilizadores na produção de materiais de formação em educação inclusiva
- Aumentar a qualidade e a quantidade de materiais já existentes (i.e., procurar documentos importantes ou materiais de formação, reeditá-los e redesenhá-los, de modo a torná-los mais acessíveis aos utilizadores do EENET).
- Melhorar as nossas estratégias de edição, de modo a tornar os materiais que partilhamos mais acessíveis
- Desenvolver a nossa estratégia de “supervisão” dos autores inexperientes que pretendam escrever artigos no Boletim
- Procurar novos tradutores voluntários, em várias línguas, que possam oferecer traduções de qualidade de materiais de educação inclusiva
- Planear e implementar o projecto sobre “as vozes das crianças” – através de material on-line e impresso – de modo a que as crianças e os jovens tenham mais possibilidade de falar sobre a inclusão/exclusão em educação. Procuramos financiadores para este projecto e, portanto, se estiverem interessados, por favor, contactem-nos

Área estratégica: Documentação

Identificar e produzir/ajudar os amigos do EENET a produzir matérias de formação com interesse



Área estratégica: Documentação

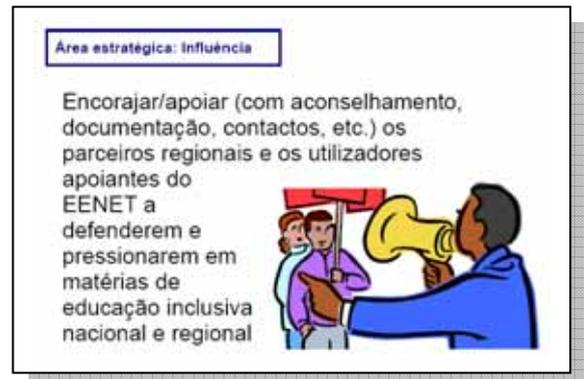
Dedicar maior atenção ao trabalho de “reformulações” – edição, reapreciação e análise de documentos de outras organizações de forma a torná-los mais acessíveis aos utilizadores do EENET



Influência

“Utilizaremos o conhecimento do trabalho de campo, as competências e a experiência do EENET, como um valor acrescentado para influenciar os legisladores a nível nacional e internacional, e as agências financiadoras”.

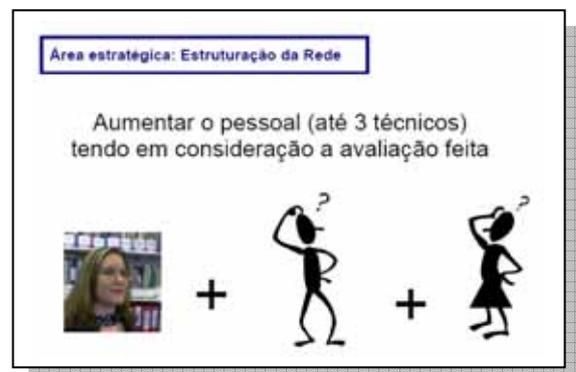
- Continuar a promover debates sobre: a importância da aprendizagem baseada na diferença; os direitos dos grupos marginalizados em educação; e os laços entre a inclusão e os direitos humanos/justiça social
- Prestar informação, aconselhamento, contactos etc. para ajudar as redes regionais e os utilizadores do EENET a defender e a fazer *lobby* em relação à educação inclusiva
- Preparar materiais de orientação para ajudar os utilizadores a usar de forma mais eficaz a informação que já existe (p.ex. os Boletins do EENET) sempre que preparam novas iniciativas
- Tornar mais precisas as mensagens do EENET, assim como as suas posições em relação a questões-chave, mas sem que tal tome a forma de imposições



Estruturação da Rede

“Iremos desenvolver/manter os recursos humanos do EENET, a sua capacidade, as suas infraestruturas e o seu financiamento, de modo a garantir que a rede continue a desenvolver-se e a apoiar eficazmente o desenvolvimento das redes regionais.”

- Instituir uma cota anual para as ONG's internacionais que desejem apoiar o EENET e se constituam como membros. As verbas daqui resultantes irão financiar os principais custos de funcionamento. Este esquema começou agora e, portanto, se a vossa organização estiver interessada em aderir, por favor contactem-nos.
- Aumentar o quadro de pessoal, actualmente com uma coordenadora a tempo parcial, para pelo menos, três pessoas (não necessariamente a tempo inteiro).
- Reorganizar o nosso grupo orientador, de modo a desenvolver sistemas de coordenação e direcção.
- Reavaliar os benefícios da localização da sede do EENET na Universidade de Manchester
- Continuar a procurar financiamentos para os projectos do EENET
- Reavaliar as nossas estratégias de venda de materiais a organizações baseadas no Norte, de modo a aumentar esta fonte de rendimentos
- Desenvolver uma lista de consultores e estabelecer um sistema através do qual possamos ser compensados financeiramente por ajudarmos outras organizações a procurar consultores competentes
- Desenvolver um esquema de estágios que permita um apoio adicional a projectos-chave, ao mesmo tempo que se oferecem valiosas oportunidades de experiência aos estagiários



O que pensamos?

Os nossos planos nunca são “escritos na pedra”. Queremos que estes evoluam, de modo a reflectir as necessidades dos utilizadores desta rede. Assim, acolhemos as sugestões que nos enviarem sobre este plano quinquenal do EENET.

Será que estamos a fazer o que deveríamos? Haverá iniciativas que pensamos que deveríamos tomar e que não mencionámos? Podereis vós ou as vossas organizações oferecer apoio financeiro ou prático na prossecução de alguns destes objectivos, (p.ex. ajudar nas traduções)?

Queremos conhecer os vossos pontos de vista!

EENET
c/o Educational Support and Inclusion
School of Education
The University of Manchester
Oxford Road
Manchester, M13 9PL, UK
Tel: +44 (0) 161 275 3711
Fax: +44 (0) 161 275 3548
Email: info@eenet.org.uk

Nadar contra a Corrente

Quais são os critérios para desenvolver e manter, uma "rede inclusiva de sucesso"? Neste artigo Sue Stubbs e Susie Miles apresentam-nos uma reflexão sobre a sua experiência numa rede inclusiva na "International Disability Development Consortium" (IDDC) e no EENET.

Desenvolver uma forma inclusiva de trabalhar envolve "nadar contra a corrente" ou "ir contra os princípios" das maiorias. É "normal" ser exclusivo, discriminatório e hierárquico. É "normal" permitir que as vozes mais poderosas sejam as que dominam. As redes e parcerias inclusivas têm de resistir a este modelo de comportamento humano. Têm de estar conscientes sobre os valores, princípios e processos – e isto requer uma constante vigilância e reflexão auto-crítica.

Inclusivo

O que significa para nós "inclusivo"? A inclusão tem a ver com o género, a cultura, a língua, a idade, a deficiência, a acessibilidade, o poder. Implica "ouvir as vozes dos menos poderosos". Algumas pessoas vêem "a inclusão" como uma simples inserção de grupos marginalizados nos maioritários. Mas, na verdade, esta visão, embora possa beneficiar algumas pessoas, não muda a sociedade. Num sentido mais profundo, a inclusão é uma forma de transformar radicalmente a sociedade tal como ela é – de celebrar a diversidade e de combater a discriminação em relação a todos os tipos de diferenças. Ser inclusivo não é fácil e não surge naturalmente e, portanto, requer atenção e acompanhamento.

Desenvolvimento

O que significa para nós desenvolvimento? Algumas pessoas vêem o "Sul" como o problema – pleno de doenças, pobreza e necessidades de ajuda. Esta percepção é conhecida como "o modelo negativo do deficit". Outras vêem as leis de comércio, as heranças do colonialismo, e o desequilíbrio global do poder como o problema. Esta é perspectiva do "modelo social". O contexto global actual é de uma enorme iniquidade e injustiça social, de conflito generalizado, de falta de sustentabilidade e de crise ambiental. As redes e parcerias não podem resolver estes inúmeros problemas. Mas podemos estar conscientes deles e empenharmo-nos neles.

Parcerias e redes

Uma parceria ou uma rede em que participem indivíduos ou organizações são diferentes de uma única organização, dirigida por um único director. Numa rede, os pontos de vista e as convicções de cada pessoa ou de cada organização não podem ser facilmente impostos aos outros. Estabelecer redes e trabalhar em parcerias exige um empenhamento forte e uma abordagem para: ouvir, partilhar e respeitar ideias, partilhar objectivos comuns e tolerar as diferenças.

Princípios gerais duma rede inclusiva

- Existe uma ideia clara e transparente sobre quem são os participantes activos e quais as suas funções em relação às estratégias da rede/parceria.
- Existe uma ideia clara sobre o objectivo geral, as funções e as estratégias da rede.
- Utilizam-se os recursos de forma eficiente (existe um orçamento e uma infra-estrutura mínima).

- Dá-se importância ao desenvolvimento de processos adequados, e não somente à procura dos resultados.
- A rede cresce e desenvolve-se lentamente.
- Há um equilíbrio entre a continuidade e a introdução de novas ideias e novas energias.
- Enfrentam-se, em vez de as evitar, as questões difíceis e incómodas.

Aprendizagem vinda do Sul e partilha entre os países do Sul (Sul-Sul)

É fácil falar sobre a aprendizagem a partir das experiências dos que trabalham no terreno e dos participantes activos do Sul e sobre a forma de promover a partilha entre as pessoas do Sul. No entanto, esta atitude depara-se com muitos desafios. Por exemplo:

- É difícil manter um equilíbrio entre o uso da palavra escrita e a necessidade duma comunicação eficaz com culturas orais.
- Os elementos que estão a trabalhar no terreno têm falta de experiência e de competências na análise e na apresentação do seu trabalho.
- Não é fácil uma comunicação entre culturas diferentes.
- As perspectivas do Norte ainda são dominantes nos seminários “internacionais” e nas conferências.
- Ainda existe uma grande ignorância e profundos preconceitos em relação a culturas diferentes.

Avaliação das redes

Na avaliação sobre a natureza das redes, temo-nos inspirado na obra de Madeleine Church². Ela usa a imagem dos nós e dos fios para ilustrar a forma como funcionam as redes. Os seus elementos relacionam-se através de laços de comunicação e de relação. Estes fios juntam-se em nós de actividades. A força da rede reside no trabalho que os elementos realizam em conjunto e, baseados na confiança mútua, construída através da sua comunicação. A estrutura duma rede é laça mas conectada – e horizontal em vez de vertical.

Madeleine Church acredita que as redes só podem ser avaliadas pelos que nelas estão envolvidos – uma vez que são tão complexas. Ela sugere e o EENET concorda, que na avaliação das redes devem ser consideradas as seguintes questões:

Participação

p.ex. Quais são os diferentes níveis de participação em toda a rede?

Confiança

p.ex. Qual o nível de confiança existente entre os elementos e entre estes e o secretariado?

Liderança

p.ex. Onde está localizada a liderança?

Estrutura e controle

p.ex. Como é sentida e vivida a estrutura? Demasiado laça, apertada, facilitadora, sufocante?

² *Participation, Relationships and Dynamic Change: New Thinking on Evaluation the Work of International Networks* de Madeleine Church e colegas pode ser impresso através de: <http://people.bath.ac.uk/edsajw/church.shtml>. Se não conseguir aceder à Internet, por favor contacte o EENET e ajudá-lo-emos a ter acesso ao documento.

Diversidade e Dinamismo

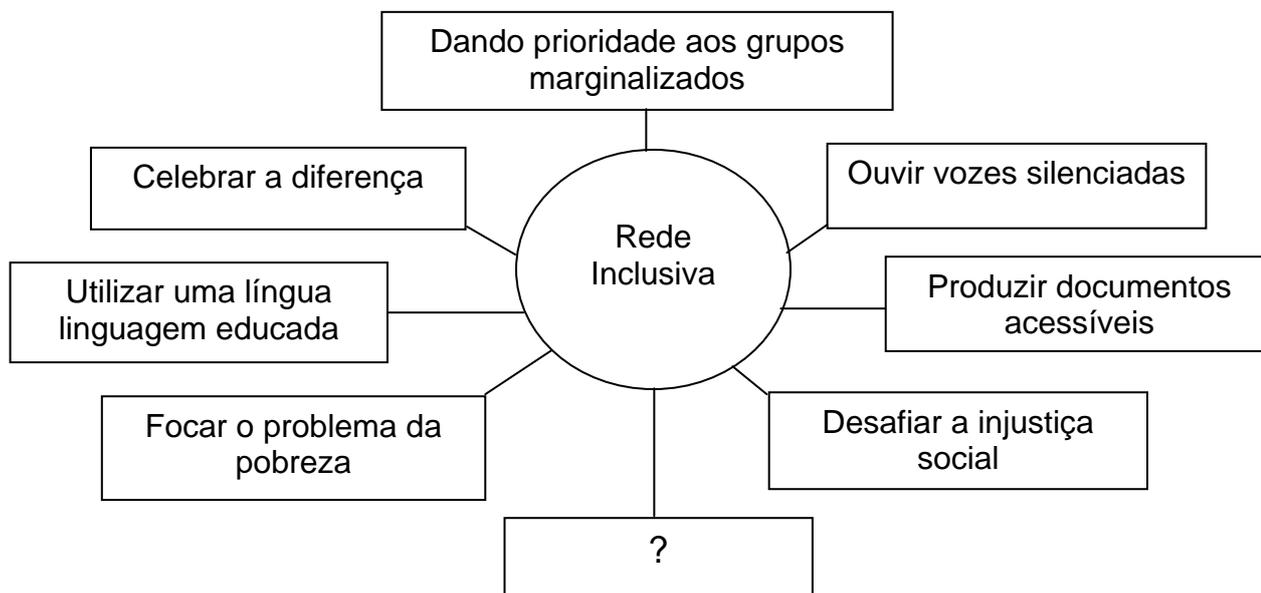
p.ex. Que facilidade sentem os elementos para contribuir e concretizar a suas ideias?

Democracia

p.ex. Qual é o poder das inter-relações no âmbito da rede? Como se relacionam os mais e os menos poderosos?

O EENET gostaria de publicar mais artigos sobre o estabelecimento e funcionamento de redes. Gostaria, particularmente, de conhecer as vossas experiências sobre informação contínua ou apoios a redes que se iniciam ou que já funcionam no Sul e que têm por base os princípios da equidade e da inclusão.

Sue Stubb é a coordenadora e um dos vários membros fundadores do IDDC. O IDDC começou em 1993, como um grupo informal de organizações internacionais não governamentais (ONG's) envolvido na deficiência e no desenvolvimento. Está agora registado, na Bélgica, como uma associação internacional não lucrativa, e tem 19 membros baseados em 10 países europeus. O seu objectivo é promover o desenvolvimento inclusivo, partilhar informação e *know-how* e trabalhar colaborativamente. Nos seus membros contam-se organizações de pessoas com deficiência, organizações de desenvolvimento geral, ONG's centradas na deficiência e plataformas (agências que não têm programas mas partilham informação). Sue pode ser contactada através de: co-ordinator@iddc-org.uk. Ver também o site do IDDC: www.iddc.org.uk (de momento em reconstrução).



Criando diálogos: estabelecimento de redes de inclusão

A formação dos professores em situações de conflito: Estado de Karen, Burma

O direito à educação é muitas vezes violado em situações de conflito, particularmente com grupos minoritários. Isto está a acontecer em Burma (Myanmar), onde muitos grupos indígenas lutam para acabar com a opressão da junta militar e conseguir a autodeterminação nas suas regiões. O grupo de Karen é um dos que lutam pela autonomia no Estado de Karen, a sudoeste de Burma. Mais de cinquenta anos de violenta opressão militar forçaram muitos habitantes de Karen a fugir para campos de refugiados na vizinha Tailândia. A vida nestes campos é difícil, mas há apoio do governo e de “ONG’s” para os cuidados de saúde e necessidades educativas. Todavia, isto não acontece ainda no Estado de Karen.



Os habitantes de Karen consideram a educação como fundamental no que diz respeito à sua sobrevivência física e cultural. Assim, em 1997 criou-se o Karen Teacher Working Group (KTWG) que promoveu activamente a educação no Estado de Karen e ajudou a fundar mais de 1000 escolas controladas pelo grupo, (assim como a garantir professores e estudantes) no Estado. O KTWG também criou um programa para formar professores itinerantes para darem algum apoio aos professores locais. Em 2004, o KTWG estabeleceu o “Karen Teacher Training College” (KTTC) na fronteira, do lado de Burma. Foi a primeira e única instituição deste género em Burma, a planear um programa inicial de dois anos para formação de professores que iriam ensinar no Estado de Karen e formar, ao mesmo tempo, formadores de professores itinerantes.

Apesar de trabalhar numa situação de conflito e de desafio, o KTTC conseguiu, em cada ano, aumentar o número de estudantes. Tem uma forte rede de apoio dentro e fora da comunidade. O KTTC e o programa de formação de professores itinerantes são inovadores e orientam iniciativas educativas na comunidade. Oferecem potencial e modelos práticos, não só para os estudantes de Karen, mas também para outros grupos existente no mundo que lutam por uma autonomia social e educacional. Em Junho de 2007, o KTTC celebrou o novo ano escolar com uma cerimónia de abertura. Este acontecimento reuniu muitos dos membros da sua rede de apoio. Este artigo apresenta alguns dos seus pontos de vista acerca da KTTC e acerca da educação no Estado de Karen.

Também mostra que todos os elementos do programa de educação estão inter-relacionados e se apoiam entre si.



Orientador Educativo do Distrito de Mutraw, Estado de Karen

D, gay Jr.: Sou o orientador educativo nesta área, a trabalhar com os professores e a comunidade. Aprovo o programa do KTTC porque precisamos de mais professores preparados. Aqui, as relações entre os diversos membros da comunidade são boas. Nós vemos o KTTC como um forte apoio para a nossa comunidade porque quando os estudantes terminarem a sua formação, partilharão este trabalho com as pessoas e, quando as pessoas tiverem educação, haverá uma chefia mais forte.

Um professor formado pelo KTTC.

Law Say Wa: Sou professor de História e de Língua Karen. Passei 31 anos num campo de refugiados da Tailândia. Eu não queria viver lá. Estava decidido a viver e ensinar no Estado de Karen. Assim, quando aqui regressei, senti-me muito bem. Tenho esperanças que este lugar faça progressos e ajude os estudantes a melhorar os seus métodos pedagógicos e a gestão da sala de aula.



Um estudante do segundo ano do Curso KTTC

Lah Me Htoo: Tenho 19 anos e vivi num campo de refugiados da Tailândia. Aí não gostei de estudar. Vim Para o KTTC porque está radicado no Estado de Karen. Queria vir e ajudar o meu Estado, queria aprender a ser um bom professor e adquirir capacidades de liderança. Quero ensinar Inglês. No campo de refugiados não havia computadores para estagiários, mas aqui existem. Quando acabar o curso vou ensinar no distrito onde mora a minha família.

Chefe de Batalhão, Organização da Defesa Nacional de Karen

Som Wa: Nós assumimos aqui a responsabilidade pela segurança da comunidade e protegemo-la do inimigo. Há tanto tipo de necessidades no Estado de Karen...alimento, segurança e educação para o povo. Sinto-me feliz por haver aqui estudantes como os de KTTC, para se responsabilizarem pelo país e pelo seu futuro



Professor de Mobilidade

Um Htee: Se temos uma boa oportunidade treinamos 2-3 dias, mas isso depende da actividade do exército Burmês. Chamamos professores de escolas próximas e vêm 2-3 em grupo para um mesmo local. Aconselhamo-los, trocamos ideias acerca do ensino e da aprendizagem. Também recolhemos informações sobre a sua área, notícias das escolas e da actividade do exército Burmês na área.

Meysel: Quando visitamos as escolas temos que nos confrontar com o exército e com a milícia local. Eles querem capturar-nos e acabar com o nosso trabalho. Quando damos aulas, de repente o exército aparece para nos impedir de continuar, mesmo se não fazemos mais do que, pacificamente, ensinar o nosso próprio idioma.



Alunos do Curso de Formação de professores de Mobilidade

Esther Thein: Estou no meu primeiro ano de estágio para professora instrutora de mobilidade e também frequentei durante dois anos o curso do KTTC. Há muitos professores neste Estado que não sabem como ensinar. Eu quero ser instrutora de professores de mobilidade porque desejo ajudar os professores deste Estado.

James Thomas: Na maior parte das escolas de Burma os professores só estão a usar métodos centrados no professor. Mas, no Estado de Karen, os métodos pedagógicos são

muito bons, de forma que os alunos querem frequentar a escola... não a abandonam. Em vez de aplicar o castigo, se os alunos estão distraídos, interrompemos a actividade e iniciamos um jogo teatral ou vamos brincar ao ar livre e ainda fazemos perguntas acerca dos temas abordados. Procuramos, portanto, realizar actividades variadas para interessar os alunos.

Coordenadores do KRWG

Ler Htoo: Na perspectiva do KTTC, ensinamos métodos participativos como o trabalho de grupo. Noutras regiões de Burma, ensinar é decorar. Nós ensinamos a ler e a escrever através da análise crítica. Na verdade, o sistema de educação vai melhorando. Agora, no Estado de Karen, os professores tem mais formação e a frequência das escolas aumenta cada vez mais. Mesmo quando as escolas têm que fechar durante meses, são repostas de novo. Quando iniciámos os cursos do KTTC, tínhamos apenas 22 alunos. Este ano, temos 35 alunos, só no primeiro ano.

Scott O, Brien: Embora muitas aldeias fujam do exército 3-4 vezes por mês, uma das primeiras coisas a ser reaberta é a escola, mesmo que seja debaixo duma árvore. Isto demonstra o enorme empenhamento e articulação com a sobrevivência, desenvolvimento e educação. Precisamos, sem dúvida, de mais suporte financeiro para o nosso programa de assistência às escolas do Estado de Karen. Mas, apesar disso, estamos a tentar melhorar a qualidade da educação dos nossos programas de formação de professores. Temos em vista a transformação do sistema educativo de Karen para o tornar mais representativo da sua cultura, mantendo a sua integridade académica, mas fazendo com que as escolas possam também apoiar as necessidades comunitárias. Estamos ainda a tentar construir redes de ligação com outros grupos indígenas de Burma.

Este artigo foi compilado pelo KTWG, o KTTC e Ian Kaplan. Contacto KTWG por E-mail em ktwghq@hotmail.com ou via endereço postal do EENET. Visite o seu website em: www.ktwg.org

Family Friendly! Trabalho com crianças surdas e as suas comunidades em todo o mundo

Family Friendly! é um novo livro produzido pela International Deaf Children's Society (DCS) em colaboração com o EENET. Procura chamar a atenção dos profissionais para a importância do envolvimento dos pais no trabalho com crianças surdas.

Juntámos estudos de caso de membros da nossa rede para termos a certeza de que as orientações contidas no livro se baseavam na experiência real de países meridionais. Queríamos também levar as vozes dos pais e dos profissionais que trabalham com estas crianças de países meridionais a uma audiência mais vasta. Vamos publicar 35 contribuições de 21 países.

O livro inclui muitos temas – trabalho baseado na comunidade, informação, grupos de pais, como evitar que os surdos sejam negligenciados, trabalho com adultos surdos e, evidentemente, educação. Para o IDCS a educação de crianças surdas pode fazer-se em qualquer lugar – em escolas locais ou especiais, em casa ou na comunidade. Mas para a inclusão das crianças surdas no trabalho elas têm que ter acesso às mesmas oportunidades sociais e de aprendizagem que as outras crianças. Isto significa que as crianças surdas têm que ser apoiadas desde muito cedo para aprenderem a linguagem, e é preciso que haja o maior número de pessoas possível que consigam comunicar, de maneira a que as crianças surdas entendam.

O livro mostra como as escolas, as comunidades e as famílias podem trabalhar em conjunto para apoiarem as crianças surdas, melhorarem a sua educação e lutarem pela mudança.

Os pais são os primeiros professores

“Embora as boas escolas possam proporcionar um ambiente de aprendizagem positivo, os pais é que são os primeiros professores das crianças. Os professores providenciam aulas de língua gestual para os pais e ensinam-nos a ajudar os filhos a aprender, o que faz com que filhos e pais comuniquem melhor.”

Ms Yao Chang Zheng, mãe de uma criança surda, China

Ajuda mútua de pais e professores

“Os professores preferiam que as crianças estudassem disciplinas manuais em vez de disciplinas académicas. Porém, eu tinha a certeza de que o Stephen conseguia passar nos exames, por isso convenci os professores a ensinarem-lhe estas disciplinas. Os professores queriam que os pais se envolvessem mais. Quando os professores vêm que um pai realmente se preocupa com o filho e está motivado para ajudar, sentem-se mais apoiados no seu trabalho.”

Geoffrey Mukonyoro Wathigo, pai de uma criança surda, Quênia

“Os professores que são pais de crianças surdas têm uma capacidade única de comunicar com crianças surdas. Falam e ensinam usando a sua experiência pessoal

quando lutam em favor das crianças surdas e das suas famílias.”

Amos Muyambo, Nyadire, Escola Primária, Zimbabué

“O professor disse-me que se eu encontrasse pelo menos cinco crianças surdas na minha zona podia abrir uma turma especial para surdos. Pedi licença ao director da minha escola para estudar língua gestual e agora sou professor de surdos. Tenho sete alunos, dos quais três são raparigas.”

Un Sileap, pai de duas crianças surdas e professor de crianças surdas, Cambodja.

Family Friendly! consiste em cumprir uma tarefa em conjunto. Desafia os profissionais a usarem um método positivo no seu trabalho, reconhecendo a competência única das famílias, dos professores e dos surdos.

“ A verdadeira inclusão requer um ambiente positivo na escola e a cooperação da família. Temos que trabalhar muito para dar esta oportunidade a mais crianças.”

Snigdha Sarkar, Líder de um Grupo de Pais, Índia

O IDCS dedica-se a ajudar as crianças surdas a ultrapassarem a pobreza e o isolamento em todo o mundo. Apoiamos a criação de movimentos locais, nacionais e globais liderados pelas famílias para lutarem por uma mudança positiva para crianças e jovens surdos. Temos programas no Quénia e na Índia e já apoiámos 39 projectos a curto prazo em 27 países em todo o mundo.

Somos uma rede de organizações e de individuais apostados em partilhar informação e aprendizagem. Para aderir, consulte www.idcs.info/thedirectory ou escreva-nos.

***Family Friendly!* pode ser obtido grátis através do IDCS no final de 2007.**

Kirsty Wilson, Programmes Officer

The International Deaf Children's Society

15 Dufferin Street

London, EC1Y 8UR

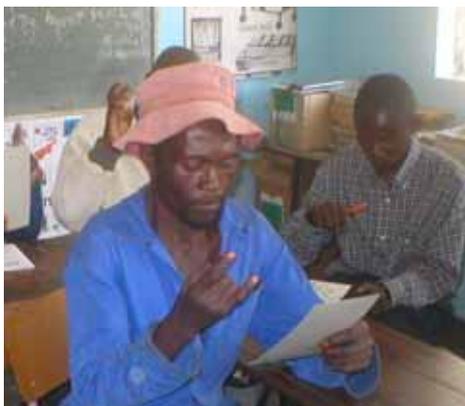
UK

Tel: +44 (0)20 7490 8656 (voz ou mensagem escrita)

Fax: +44 (0)20 7251 5020

Email: idcs@idcs.info

Website: www.idcs.info



Os pais aprendem língua gestual, Nyadire, Kenya”

Apoio à Educação Inclusiva no Afeganistão – a história de um pai

Eu e a minha mulher vivemos em Herat. Temos seis filhos, dos quais um tem uma deficiência auditiva e três são surdos. Até os meus filhos nascerem nunca tinha tido contacto com surdos, por isso, achava que os meus filhos precisavam que eu os apoiasse mas não sabia como o que fazer.

Ouvi falar de uma organização que trabalhava com pessoas com deficiência, incluindo surdos. Foi assim que os meus filhos começaram a participar dos programas e a aprender língua gestual. Eu próprio trabalhei como voluntário para esta organização e aprendi língua gestual para poder apoiar melhor os meus filhos.

No entanto, comecei a preocupar-me com a sua futura educação. Percebi que eles eram muito inteligentes e estava deseioso que fossem para a escola. A minha filha mais velha tem alguma audição e a escola local concordou em aceitá-la. Está sentada à frente, tem apoio extra do professor e está a conseguir bons resultados. Quanto aos meus filhos surdos, não houve nenhuma escola que os aceitasse.

Nessa altura, o “International Rescue Committee” estava a planear dar início a um programa de educação para crianças surdas e cegas em Herat. Planeavam seleccionar escolas, dar formação a alguns professores e depois colocar crianças com deficiências visuais ou auditivas em turmas do ensino regular. Pensei que era bom se os meus filhos fossem seleccionados, o que aconteceu, enquanto que eu fui escolhido para ser responsável pelo sector da deficiência auditiva do programa.

Eu não tinha a certeza de que esta educação inclusiva ia resultar.

Iriam as outras crianças implicar com os meus filhos? Como é que os professores iriam comunicar com eles? Eu tinha ido ver duas escolas especiais para crianças surdas noutras cidades do Afeganistão e achei que talvez fosse essa a única maneira. Mas depois de receber formação sobre o que é a educação inclusiva e como beneficia as crianças, decidi experimentar. Passámos a formação que recebemos aos professores da escola e tivemos mais formação em língua gestual. Foram adultos surdos que nos treinaram em educação inclusiva e em língua gestual e devo confessar que falar com adultos surdos fortes e confiantes foi qualquer coisa que muito me encorajou.

Agora vejo um futuro positivo para os meus filhos.

De início, os meus filhos estavam nervosos por irem para a escola mas agora estão tão entusiasmados que de manhã até se ajudam uns aos outros a prepararem-se. Têm aprendido imenso e ajudam-se nos trabalhos de casa. A verdade é que tenho notado uma enorme diferença nos seus sentimentos, no seu comportamento em casa e na maneira como estão a fazer amizades com os filhos dos nossos vizinhos. Agora os amigos vão vê-los ou ajudá-los nas aulas.

De princípio, as escolas e os directores estavam preocupados com a ideia de terem crianças surdas nas aulas mas depois da formação e das reuniões com as famílias, todos os professores estão empenhados em conseguir que o programa resulte. Temos agora dezasseis alunos surdos integrados em escolas do ensino regular e eu e o meu colega visitamos as turmas uma vez por semana. Incentivamos os professores, damos-lhes mais

ideias e ajudamo-los a resolver problemas. O nosso programa é novo e ainda precisamos de tentar melhorar a qualidade da educação. Por outro lado, muitas outras crianças surdas poderiam ser apoiadas se pudéssemos alargar o programa.

Adoro o meu trabalho e também adoro estar envolvido na educação dos meus próprios filhos. Além disso, os outros pais também estão a ver mudanças positivas nos seus filhos surdos e a perceber que a escola os está a apoiar. Contudo, nem sempre é fácil convencer os pais a envolverem-se mais, sobretudo quando se trata de aprender língua gestual. Por outro lado, tenho tido contactos com pais de crianças surdas que ainda não estão envolvidos no programa mas que também querem que os filhos vão para a escola. Tenho tido dificuldade em convencer outros profissionais que trabalham na educação de surdos no Afeganistão de que o nosso programa é possível. Muitos acham que não há outra solução senão as escolas ou as turmas especiais e não acreditam em mim. Mas eu vejo as crianças surdas nas aulas todos os dias e verifico que elas estão satisfeitas e a aprender, vejo que há professores que se esforçam por conseguir comunicar com elas e também sou um pai que tem a prova de que os seus próprios filhos estão felizes, estão a aprender e a fazer amigos. Sou um pai que só quer apoiar os filhos da melhor maneira que puder.

Este artigo foi adaptado de um estudo de caso apresentado para o livro do IDCS, *Family Friendly!*

Inclusão e surdez

Há muitas maneiras das famílias, as escolas e os adultos surdos trabalharem em conjunto para melhorar o acesso das crianças surdas a uma educação de qualidade nas suas comunidades. Podem encontrar-se estudos de casos como este do Afeganistão na nova publicação do IDCS (ver página anterior), no site do IDCS e na secção da surdez no site do EENET. Agradecemos que enviem para o EENET experiências de integração de crianças surdas na educação para que as possamos partilhar através do nosso site.

Elaboração dum projecto numa escola inclusiva, Indonésia

Yusep Trimulyana é o director do SLB Pembina NTB, uma escola especial e um centro de recursos para a educação inclusiva na ilha de Lombok, Indonésia. A escola de Yusep precisa dum nova biblioteca. Mas, em vez de pedir ao governo para a construir, Yusep acredita que a escola se pode encarregar do projecto e criar um edifício que satisfaça as necessidades de alunos e professores.

Yusep consultou professores e estudantes. Então utilizou um *software* para criar no computador um design de área aberta (open source), um modelo básico de um edifício ideal. O *software* “Open source” pode ser retirado grátis da Internet. Yusep convenceu, recentemente, o governo Indonésio a suportar a despesa da construção. Nesta entrevista, Ian Kaplan Yusep explica como trabalhou com a sua escola para planear e construir uma nova biblioteca.



Yusep Trimulyana – director da escola

Quais foram as razões que levaram à construção dum nova biblioteca?

Nós estamos a tentar construir uma nova biblioteca no estilo local - um *berugaq*, uma estrutura que é muito comum em Lombok. O *berugaq* proporciona uma plataforma levantada e com sombra, na qual as pessoas gostam de se sentar, tagarelar e fazer várias coisas. A verdade é que muitas pessoas prefeririam gastar o seu tempo no *berugaq*, em vez de permanecerem dentro de casa. Assim, pensámos que se pode combinar um edifício moderno com um edifício tradicional. Temos esperança que um projecto deste tipo possa ajudar as crianças a mais facilmente sentirem prazer em ler e aprender na biblioteca.



Um popular “berugaq” estilo “coreto” no recreio da escola

Então o edifício é uma mescla dos estilos de construção moderno e tradicional?

Certamente, claro que não se trata do *berugaq* tradicional, mas sim duma adaptação a um edifício moderno. Podemos colocar todo o equipamento básico da biblioteca e os acessórios, tais como estantes e máquinas de escrever, na ala moderna do edifício. Mas faremos exercícios de leitura e actividades de interior ou ao ar livre também no *berugaq*. Não colocaremos muitas cadeiras na biblioteca, mas teremos uma carpete porque muitas crianças, em especial as mais jovens, preferem ler e escrever sentadas no chão.



*Esboço de computador para a nova biblioteca com o berugaq à direita.
Notar o alto contraste das cores para os alunos com baixa visão*

Como é que lhe surgiu a ideia do projecto para este edifício?

Usei um programa de *software* “open source” chamado “sketch Up” (ver www.sketchup.com) que está disponível grátis para quem tenha acesso à Internet. Não é muito difícil utilizar o *software* e é muito prático. Discuti o projecto com os professores e incorporei as suas ideias acerca da cor, dimensões e outros itens. Consultámos ainda as crianças acerca do projecto. Não questionámos todas as crianças directamente, mas procurámos ter em conta as suas necessidades ao planificar o edifício. Muitas das nossas crianças têm incapacidades que tornam a comunicação difícil. Por causa dos problemas de comunicação não foi possível envolver todos eles, directamente, na planificação mas procurámos compreender aquilo de que precisam.

Discutimos a colocação do edifício no recinto da escola. Alguns professores achavam que seria atraente colocar o edifício em frente da escola porque neste lugar atrairia a atenção, mas decidimos que seria melhor colocá-lo mais longe, nos terrenos da escola, de forma que os alunos se distraíssem menos com o barulho na estrada.

Consultámos também os professores que conhecem as crianças deficientes, acerca da forma de tornar o edifício acessível. Embora os planos básicos estejam terminados, precisamos de o tornar ainda mais acessível, acrescentando uma rampa para os que utilizam cadeiras de rodas.

Até aspectos, tais como a cor das paredes e o tipo de pavimento, afectam a acessibilidade. Tomámos também em consideração que cores e padrões poderiam tornar a biblioteca mais acessível a crianças com baixa visão.

Depois de ter feito um plano básico do edifício usando o *Sketch Up*, entreguei o projecto a um arquitecto que deu a sua contribuição para se chegar a um plano de edifício que fosse adequado. A nova biblioteca está agora em fase de construção.



A nova biblioteca em construção

Como é que convenceu o governo a financiar este projecto?

Normalmente, o governo tem um plano de construção de edifícios escolares, mas este ano perguntou: “Quer encarregar-se da construção, ou quer que o governo o faça por si?” Respondi que iríamos tentar nós mesmos executar o projecto, se tivéssemos uma ideia de quanto poderíamos dispor para planificar e construir. Tentámos realizar, tanto quanto possível, o plano ideal mas algumas das nossas pretensões não se ajustavam ao orçamento de que dispúnhamos, pelo que tivemos que aceitar compromissos.

Algumas vezes, no passado, o governo tomou decisões sobre o esboço e planificação de edifícios escolares que nem sempre foram apropriadas para o objectivo em vista, mas penso que estão mudando para melhor, abandonando o esquema anterior de trabalho. Agora estão a aproveitar as opiniões da comunidade escolar e a trabalhar duma forma mais inclusiva.

Utilizaria de novo este processo de trabalhar para projectar futuros edifícios escolares?

Sim, penso que, no futuro, procuraremos seguir o mesmo método de trabalho.

Espaço, luz, materiais e até a cor afectam o modo como vivemos a experiência da educação. As escolas podem usar estes elementos muitíssimo bem criando edifícios e espaços que vão ao encontro das necessidades dos alunos e do corpo docente. Infelizmente, os edifícios são, muitas vezes, projectados e construídos sem terem, de alguma forma, em consideração as necessidades da comunidade.

As escolas são muitas vezes projectadas com grande pobreza de concepção. Podem ser demasiado quentes ou frias, escuras ou inacessíveis. Uma maneira de encarar estas questões é envolver a comunidade escolar mais activamente no planeamento ou reestruturação das suas escolas. Isto pode parecer difícil porque aos professores, alunos e pais falta, provavelmente, a experiência de planear e construir edifícios escolares. Todavia, há processos práticos de os consultar acerca dos planos, perguntando-lhes que espécie de escola pretendem ter, quais são as suas necessidades e como utilizam as escolas existentes.

Um processo de planificação de escola inclusiva dá aos membros duma comunidade escolar um sentimento de orgulho e pertença da sua escola. Pode também conduzir à criação de espaços escolares que sejam apropriados, acessíveis e agradáveis,

aumentando a participação e a aprendizagem. Isto pode providenciar uma oportunidade de ajustar a escola à comunidade duma forma mais efectiva, incorporando-lhe, por exemplo, elementos locais da cultura e da arte. Um *software* fácil de usar que pode ser descarregado, gratuitamente, da Internet, tornará este processo divertido e acessível.

Yusep pode ser contactado em:

SLBN Pembina Prov. NTB

Jl. Sonokeling no.1 Dasan Geria

Lingsar, Lombok Barat – NTB

Indonesia

Email: yuseptrimulyana@yahoo.com

Elaboração de material educativo com base em imagens, Libéria

Bob Linney e Petra Röhr-Rouendaal

Há falta de estímulo visual para crianças nos sistemas educativos de todo o mundo. O estímulo de todos os sentidos é benéfico para o desenvolvimento cerebral das crianças. Contudo, em muitos países, as salas de aula têm poucos livros, não há quadros nas paredes, nem outras ajudas para a aprendizagem. Os métodos de ensino envolvem frequentemente memorização e cópia, o que não consegue cativar nem desafiar verdadeiramente as crianças. No entanto, alguns quadros coloridos nas paredes ou material visual simples e atractivo podem transformar uma sala de aula – sem grandes despesas.

Recentemente, ajudámos a organizar um seminário de cinco dias para professores e estagiários na Libéria. Os participantes aprenderam a fazer e a usar material visual barato para crianças dos níveis pré-escolar e primário. Este material incluía cartões com desenhos, mapas, temas de discussão e jogos educativos. Os participantes praticaram também o uso desse material, de modo a encorajarem os alunos a participarem e a interagirem uns com os outros e com o professor.

Os materiais educativos produzidos no nosso seminário eram feitos com gravuras, papel, etc. comprados na Morávia – materiais que se podem adquirir em muitas outras cidades de países em desenvolvimento. Alguns destes materiais podem mesmo ser grátis (Por exemplo, empresas ligadas a artes gráficas poderão oferecer restos de papel ou cartão.) Por outro lado, os auxiliares de aprendizagem são geralmente de pequenas dimensões e por isso são fáceis de fazer em classes com muitos alunos.

Os participantes criaram uma gama de material visual para ser usado através de todo o currículo. Por exemplo, fizeram-se cartões com desenhos para ajudar as crianças a aprenderem como uma árvore de fruto nasce de uma semente. Os alunos colocam as gravuras na sequência correcta do crescimento.

Os colegas podem concordar ou discordar das decisões. Os cartões com gravuras foram feitos para as crianças aprenderem ou discutirem sobre números, o alfabeto, comida e nutrição, guerra, VIH/SIDA, métodos de produção de óleo de palma, transporte e educação religiosa. Fizeram-se grandes puzzles com mapas de África para as aulas de Geografia. Um dos participantes fez um jogo de mesa para se aprender a circulação sanguínea. Outro fez um jogo simples para ajudar as crianças a encaixar formas recortadas em formas desenhadas no papel.

Só um dos participantes é que já tinha tido formação em desenho, mas todos eles elaboraram material visual bastante útil. Foram dadas aos participantes algumas indicações básicas para desenharem rostos, figuras e animais e sempre que era preciso tinham ajuda para desenhar. Passados quatro dias todos os participantes tinham feito pelo menos um material de ensino baseado em imagens. Depois praticaram a utilização destes materiais, demonstrando ao grupo o benefício que a sua utilização traria para os alunos. Outros participantes contribuíram com ideias e sugestões sobre a forma de promover a participação e a interacção.

Tanto os professores como os estagiários apreciaram a utilidade destes materiais e esta formação já está a ser dada na Libéria pelo organizador de seminários, Topiyoo Nya Blimie, que ensina numa Escola Superior de Educação na Morávia e quer partilhar estas ideias com outros colegas.

Com uma pequena ajuda, todos os professores conseguem produzir os seus próprios materiais baseados em imagens, inovadores, a baixo custo, usando materiais que adquirem localmente. Além disso, também ensinam os alunos a elaborá-los. A utilização mais generalizada destes materiais torna a aprendizagem mais apelativa. As escolas podem tornar-se mais criativas à medida que os alunos ganham mais confiança para fazerem mais perguntas e desempenharem um papel mais activo na sua própria educação. Estes materiais ajudam as crianças a desenvolverem importantes capacidades de pensamento que lhes serão úteis na vida adulta.

Os materiais educativos com base em imagens devem ser utilizados de uma maneira participativa e interactiva. O professor precisa de os usar para conseguir que todos os alunos – mesmo os que normalmente não falam. Façam perguntas, discutam temas e participem na aula. Este método permite que as crianças se movimentem e tenham um papel activo e directo ao usarem os seus materiais visuais. Estes auxiliares de aprendizagem podem estimular discussões, ajudar as crianças a aprender a estabelecer relações causais e a desenvolver a sua competência analítica e de resolução de problemas. Ganham confiança através da interacção uns com os outros e com o professor e é menos provável que se aborrecem ou distraiam. Consequentemente, aprendem mais e divertem-se mais. A utilização destes meios ajudam os alunos a desenvolver competências visuais, ajudando-os a retirar informação ou sentido de outras imagens com que se deparam.

**Bob e Petra são artistas gráficos organizadores do grupo “Health Images” que dá formação a pessoas que querem produzir e usar materiais visuais de aprendizagem (formal e informal) participativa e centrada nos alunos. Contacto:
Bob Linney and Petra Röhr-Rouendaal,
Health Images
Holly Tree Farm, Walpole, Halesworth, Suffolk IP19 9BD, UK.
Email: healthimages@btinternet.com
Website: www.healthimages.co.uk**

**Topiyoo Nya Blimie, LIVAP Community School, SKD Sports Complex,
Elwa Road, Paynesville, Liberia.**

A primeira convenção UN do Millenium: a educação inclusiva é um direito!

Richard Rieser

Neste artigo, Richard reflecte acerca do significado da nova Convenção das NU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, a qual foi adoptada pela Assembleia Geral das NU de 13 de Dezembro de 2006 e foi assinada, até agora, por 101 governos. Richard sublinha a sua importância como *lobby* da educação inclusiva para todas as crianças e jovens.

Este documento foi difícil de negociar, tendo em conta os diversos pontos de vista que se manifestam por todo o mundo sobre esta questão. No entanto, os negociadores conseguiram mudar a posição centrada numa escolha entre a educação segregada e a educação integrada, para uma posição em que se determina o direito à participação nas escolas inclusivas, do nível primário ao secundário.

É um documento histórico – a primeira Convenção das NU:

- na qual a sociedade civil (e em particular as pessoas com deficiência) desempenharam um papel central ao longo das negociações.
- foi negociado num tão curto espaço de tempo. (cinco anos).
- contem disposições que apontam para a cooperação internacional – de modo a tornar a Convenção uma realidade.

Baseia-se num ‘paradigma de mudança’ de um modelo médico (centrando o problema na pessoa) para um modelo de perspectiva social (centrando o problema na sociedade e nas barreiras que esta cria às pessoas com deficiência). A Convenção abarca todas as áreas da vida e fundamenta-se em fortes princípios de igualdade.

A Presidência da Comissão Ad Hoc que negociou a Convenção aplaudiu o papel que as pessoas com deficiência e as suas organizações tiveram no processo. Na última sessão, de Agosto de 2000, mais de 80 representantes de serviços oficiais eram pessoas com deficiência. Mais de 800 organizações da sociedade civil tomaram parte nas negociações, embora apenas poucas fossem oriundas do Sul. A ‘Disability Caucus’, com mais de 100 organizações, entrou em contacto directo com os governos durante o processo de negociação.

A partir de agora, as organizações de pessoas com deficiência devem liderar o processo que tem por objectivo convencer os governos a desenvolver os meios para implementar a inclusão.

Artigo 24 – Educação

O Artigo 24 obriga todos os signatários a assegurar que todas as crianças ou jovens com deficiência “possam ter acesso a uma educação inclusiva de qualidade e gratuita, primária ou secundária, nos mesmos termos das outras crianças ou jovens da comunidade onde vivem. “ (Art.º 24 2b).

O mesmo artigo estabelece que “se deve procurar conseguir uma adequação aceitável às necessidades individuais” (Art.º 24 2c) e que se deve providenciar apoio “no âmbito do sistema educativo regular, de modo a facilitar a eficácia da sua educação”. (Art.º 24 2d). A secção seguinte do artigo permite a possibilidade de haver uma educação segregada para crianças com deficiências sensoriais:

“Assegurar que a educação de pessoas, em particular crianças, cegas, surdas ou surdo-cegas, seja ministrada na linguagem e com métodos e meios de comunicação mais apropriados, e em ambientes que possibilitem o máximo desenvolvimento académico e social. (Art.º 24 3C)

O que é significativo no Artigo 24?

- Todas as crianças têm direito à educação ‘num sistema inclusivo’.
- Não deverá ser mais ser possível aos governos obrigarem as crianças a repetir o ano, quando não passam no exame.
- As pessoas com deficiência não são excluídas do sistema educativo regular com base da deficiência.
- O objectivo deve ser a remoção de barreiras ao longo do processo de desenvolvimento da personalidade das pessoas com deficiência (até ao seu máximo potencial), dos seus talentos e criatividade, tal como das suas aptidões psíquicas e físicas.
- Todas as pessoas com deficiência devem receber o apoio de que necessitam no que diz respeito ao sistema regular de educação.
- As classes muito numerosas tornam a educação inclusiva mais difícil – o que tem que ser considerado ao ser implementada a Convenção.
- A Convenção condena processos de tratamento degradantes e humilhantes e a tortura (p.ex. o castigo físico).
- Cada estado tem que se comprometer com as organizações de pessoas com deficiência na implementação deste Artigo da Convenção.
- As organizações de pessoas com deficiência têm de desenvolver a sua capacidade de defender a educação inclusiva.
- Todas as crianças e alunos com deficiência devem ser ouvidos. (Artigo 7)

Muitas ONG’s internacionais procuram agora liderar o processo de implementação. Isto não deve acontecer. É preciso que sejam as organizações lideradas por pessoas com deficiência que devem assumir esta liderança. Para mais informações sobre esta matéria, consultar o Manifesto for Disability Equality in Development (www.unconvention.info/manifesto.html).

No momento presente, a tarefa primordial é dar às organizações de pessoas com deficiência a capacidade de defender a educação inclusiva. Precisam de trabalhar com aliados que estejam empenhados em desenvolver a educação inclusiva, de modo a garantir programas eficazes em todos os países. Precisamos de desenvolver a colaboração Sul-Sul e Norte-Sul para que isto aconteça (Artigo 32).

Richard Rieser é director da organização “Disability Equality in Education”, uma organização dirigida por pessoas com deficiência que providencia recursos e treino para a inclusão. Representou o UK Council for Disabled People nas negociações das NU e está empenhado em apoiar as organizações de pessoas com deficiência do Sul.

**Contacto:
Disability Equality in Education (DEE)
Unit 1M, Leroy House,
436, Essex Road,
London N1 3QP, UK
Email: r.rieser@diseed.org.uk**

O texto completo da Convenção pode ser impresso através de www.un.org/esa/socdev/ ou pode ser requerida uma cópia para a DEE.

Notícias regionais

Cidadãos do Mundo – uma rede para os países de língua Portuguesa

A Cidadãos do Mundo é uma ONG que visa contribuir para a eliminação de todos os tipos de discriminação e promover a igualdade de oportunidades para todas as pessoas em situação de vulnerabilidade. Como parte desta acção, a Cidadãos do Mundo integrou uma rede inclusiva, destinada a desenvolver a educação inclusiva nos países de língua Portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Timor Leste, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe).

Esta rede está, de momento, a elaborar o seu próprio site. Nele serão incluídos livros, artigos, documentos de política educativa e outros materiais, de várias partes do mundo, traduzidos/adaptados, informação sobre boas práticas em educação inclusiva, *links* úteis, etc.

A Cidadãos do Mundo continuará a traduzir o Boletim do EENET, “Enabling Education”. Irá, também, produzir o seu próprio Boletim (REDE/Inclusão) contendo artigos de diferentes países sobre questões de interesse para pais, trabalhadores comunitários, educadores e outros profissionais. Este Boletim será disseminado electronicamente. A rede está a funcionar ao abrigo do “Memorandum of Understanding” do EENET. Ficará também ligado à ONG Brasileira, Ed-Todos.

A Cidadãos do Mundo está a tentar estabelecer contactos com pessoas e organizações nos países de língua portuguesa. Eles estão extremamente interessados em ter notícias vossas, caso vivam em algum destes países.

Por favor, contactem:

Cidadãos do Mundo

Rua Gago Coutinho, 6

2710-566 Sintra

Portugal

E-mail: cidadaosdomundo@hotmail.com ou anambc@sapo.pt

África Oriental

Em Setembro de 2007 o EENET está a organizar reuniões em Nairobi para discutir o desenvolvimento duma rede para o Quénia e/ou para a região da África Oriental. Isto irá incluir um seminário de dois dias para os membros do EENET. No primeiro dia as discussões irão centrar-se sobre o conceito de educação inclusiva. No segundo dia irá ser focado a estratégia do EENET relativa ao estabelecimento de redes inclusivas e acessíveis, e o desenvolvimento dum trabalho em rede regional.

Se pretender saber mais sobre o desenvolvimento desta rede, ou pretender contribuir de alguma forma, teremos muito prazer em comunicar consigo. O site do EENET irá dando informações sobre esta reunião (www.eenet.org.uk/reg_networking/reg_networking.shtml) e esperamos dar-lhe mais notícias no Boletim de 2008.

Não esqueçam

A Ed-Todos no Brasil e a Girl Empowerment na Nigéria também estão a criar redes nos seus países, partilhando informação sobre questões de inclusão.

Contacto:

GCEN E-mail: girlchilddemp@yahoo.com
Morada: P.O. Box 4433, Garki, Abuja, Nigéria

Ed-Todos E-mail: ed_todos@yahoo.com.br
Morada: Rua Dr. Nicolau de Souza Queiroz, n.º 953/82
Vila Mariana, São Paulo, Brasil, CEP 04105-003

Regina Martins e Windyz Ferreira da Ed-Todos publicaram recentemente um novo livro intitulado "From teacher to teacher: Teaching practices and diversity in basic education". Está disponível em Português e inclui histórias e vozes de professores que estão a usar estratégias educativas inclusivas para responder à vasta gama de necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos. Para informação sobre a forma de comprar este livro, enviem um E-mail para: vendas@summus.com.br

Ásia

Em Maio de 2007, a equipa editorial do EENET Ásia participou numa reunião em Bangkok, na Tailândia, para discutir o desenvolvimento dum plano estratégico para a rede regional. A reunião foi apoiada pela UNESCO. Seguiu-se uma reunião aberta, em que estiveram presentes pessoas de ONG's locais e agências das NU, afim de discutirem o trabalho da EENET Ásia e comentarem a proposta do seu plano de acção. O EENET Ásia está agora a procurar obter um *feedback* mais vasto sobre a sua acção futura – e, assim, se tiverem alguns comentários ou ideias, por favor contactem a equipa. Aqui, apresentamos um resumo do plano estratégico. Podem ler o documento na íntegra no Boletim do EENET Ásia, número 4. Este texto está disponível on-line em: www.idp-europe.org/eenet ou formato impresso em:

EENET Asia
Jalan Panglima Polim X No. 9
Kebayoran Baru
Jakarta - Selatan 12160
Indonesia

O esboço do plano estratégico da EENET Ásia

O EENET Ásia é uma rede de pessoas e de organizações com diferentes pontos de partida mas baseada em valores comuns. O seu trabalho é apoiado numa equipa de voluntários, baseados em cinco países da região. A perspectiva e missão da rede consiste em encorajar e apoiar a partilha de informação, ideias e experiências entre todos os que estão empenhados no desenvolvimento do acesso à educação e da sua qualidade, na Ásia. Promove sistemas educativos inclusivos e amigáveis para as crianças e práticas que garantam que a educação para todos seja, realmente, para todos. O seu trabalho incide nas iniciativas educativas que visam os alunos vulneráveis à marginalização e à exclusão em sistemas educativos formais, alternativos e indígenas.

Objectivos

1 - Enriquecer os conceitos existentes

- facilitar o desenvolvimento de uma compreensão mais global sobre a educação inclusiva e amigável para as crianças
- investigar as definições e os entendimentos existentes sobre “educação inclusiva e amigável para as crianças”, “abordagem educativa baseada nos direitos”, e “educação de qualidade”, de modo a facilitar uma mais ampla discussão sobre estes temas na Ásia.

2 - Estabelecer redes

- inspirar e apoiar parcerias e partilhas de informação entre participantes activos regionais e internacionais
- facilitar o estabelecimento de redes entre diferentes iniciativas e programas, de modo a encorajar uma maior colaboração
- moderar discussões *on-line* (em Inglês e mais tarde noutras línguas) sobre diferentes tópicos relacionados com a educação inclusiva e amigável para as crianças. Estas discussões serão também publicadas nos Boletins do EENET Ásia e *on-line*
- trabalhar/aprender com o EENET e apoiar redes nele filiadas, noutras partes do mundo.

3 - Documentar

- convidar crianças, pais, professores e todas as pessoas envolvidas em educação a relatar práticas de educação inclusiva e amigáveis para as crianças
- solicitar relatos de práticas de formação de professores, inicial e contínua assim como de programas de desenvolvimento
- publicar informação sobre a política educativa nas várias regiões da Ásia.
- promover as competências das crianças, pais, professores e outras pessoas envolvidas na educação de modo a ajudá-las a escrever sobre as suas experiências, p.ex. através de pequenos seminários e de orientação individual
- garantir que toda a documentação seja acessível e de leitura amigável, uma vez que para muitos leitores o Inglês é uma segunda ou terceira língua
- encorajar traduções de todas as publicações do EENET e do EENET Ásia nas diferentes línguas usadas na região
- convidar pessoas a contribuir com artigos escritos nas suas próprias línguas
- garantir que as publicações fiquem disponíveis em Braille e que as versões *on-line* sejam compatíveis com o *software* “Screenreader”
- publicar histórias que convidem à reflexão e que inspirem a acção e a mudança das práticas em relação à educação inclusiva e amigável para as crianças
- colaborar com outras publicações relacionadas com a educação inclusiva e amigável para as crianças, com os direitos do homem e da criança, e com a política educativa baseada nos direitos
- identificar e recolher informação sobre materiais educativos e investigação feita na Ásia que possa ser reformulada, editada, visando públicos mais vastos
- promover publicações úteis gratuitas
- promover materiais vídeo e áudio.

4 - Influenciar

- influenciar as políticas – através da visibilidade dos progressos da educação inclusiva e amigável para as crianças que tem lugar nas escolas, comunidades e países da Ásia

- influenciar as práticas das escolas e das comunidades – dando visibilidade às iniciativas de sucesso de âmbito social, emocional e acadêmico, de custo-benefício positivo e com impacto a curto e a longo termo
- influenciar a formação de professores de nível inicial e contínua, assim como os programas de aperfeiçoamento – facilitando as discussões sobre os programas inovadores existentes na Ásia
- influenciar a criação de redes – através da prática de redes inclusivas e interactivas no âmbito do EENET Ásia
- influenciar as atitudes e as práticas culturais – através da visibilidade de exemplos de boas práticas e das consequências da marginalização prolongada e da exclusão nas escolas e nas comunidades.

Junte-se a nós!

Acreditamos que todos podem ajudar a partilhar ideias e experiências sobre o desenvolvimento duma política e de práticas mais inclusivas. Portanto, gostávamos que nos contactasse se:

- pretende juntar-se a alguma das redes nacionais/regionais existentes
- tem ideias sobre a forma de iniciar uma nova rede nacional/regional (por favor repare que o EENET não financia estas redes, mas podemos oferecer conselhos e orientação às redes já existentes ou às que se vão constituir)
- gostaria de ajudar a partilhar informação ou a disseminar os boletins na sua área local (cidade, distrito, etc.)

As vossas cartas/E-mails

Um dos nossos objectivos é conseguir que os leitores se envolvam na informação que transmitimos através do Boletim, do site e de outra documentação do EENET. Queremos que os leitores se sintam motivados para reagirem ou trocarem impressões directamente com os autores. Neste artigo, Joseph Evans explica como é que os materiais da EENET inspiraram o seu trabalho.

Utilização dos materiais da EENET e do ISEC na Namíbia

Numa das consultas que regularmente faço ao site do EENET, vi que diziam que se eu tivesse alguma informação que gostasse de partilhar com outras pessoas podia escrever-vos. Publiquei recentemente um folheto sobre educação inclusiva, retirando a maior parte da minha informação do “Inclusive and Supportive Education Congress” (ISEC) de 2005. A este respeito, quero agradecer muito o CD do ISEC 2005 que recebi da *Inclusive Technology* (a empresa que patrocina o site da EENET). O folheto que escrevi já foi distribuído às 61 escolas da nossa região, às bibliotecas públicas, aos serviços centrais do Ministério da Educação e ao Serviço de Voluntariado na Namíbia, entre outros. Reproduz-se aqui um extracto do folheto. (O folheto foca temas sobre a formação dos professores, que foram tratados no boletim do EENET de 2006. O texto completo encontra-se no site do EENET.)

Também foi publicado um artigo meu – “Strives made in implementing inclusive education in Otjozondjupa Region” (Progressos feitos na implementação da educação inclusiva na região de Otjozondjupa) – no Boletim oficial do Ministério da Educação (Abril de 2007). Tenho muito orgulho no vosso trabalho pois a ele devo tudo isto. A informação no site da EENET não só é rica e informativa como também é muito agradável de se ler. Continuem, por favor.

Extracto do folheto do Joseph sobre Educação Inclusiva

Sugestões para os professores

Você é especializado? Não precisa de ser, isso pode acontecer mais tarde

- Acredite em si próprio. Você pode tornar-se vítima de si próprio.
- Tome consciência das suas aptidões, capacidades e conhecimentos.
- Construa a sua autoconfiança e experimente estratégias de ensino inovadoras ou criativas.
- Defina claramente os seus objectivos ao planear as suas aulas, considerando que há alunos com dificuldades de aprendizagem.
- A dedicação ao trabalho é muito gratificante.
- Partilhe os seus conhecimentos com outros. Isso torna o ensino agradável.
- Reconheça o seu valor. Muitas vezes as pessoas desvalorizam as suas opiniões.
- Não receie valorizar as suas práticas e dar ênfase aos aspectos positivos da profissão de professor.
- Escute as experiências dos outros. Evite trabalhar isoladamente.
- Reconheça que por muitas coisas más que faça também há coisas boas que faz ou é capaz de fazer.
- Não receie expor os seus pontos fracos. No fundo, todos nós os temos.

- Conheça os seus alunos em termos dos seus interesses, capacidades, classe social e história da família e
- Elabore os seus planos de acordo com estes dados.
- Não queira ser o dono do conhecimento na aula.
- Torne os seus alunos responsáveis pela sua própria aprendizagem e deixe-os participar plenamente.
- Utilize diferentes actividades para manter o interesse dos alunos.
- Organize o seu tempo. É uma forte arma contra os pontos fracos.
- Avalie frequentemente o seu trabalho para estabelecer o seu nível de sucesso.

Lembre-se que sabe sempre mais do que aquilo que imagina!

Contacto:

Joseph M. Evans

Regional Inclusive Education Advisor (VSO)

Otjondjupa Regional Education Office

Private Bag 2618

Otjondjupa

Namibia

Email: jjmburu2002@yahoo.com

Contacte-nos, contactem uns com os outros!

O EENET recebeu cerca de 40 E-mails e cartas em reacção directa ao boletim de 2006. Muitos comentavam sobre a qualidade e a utilidade dos artigos (por isso os nossos agradecimentos vão para todos os autores do ano passado pelas suas excelentes contribuições). Algumas pessoas escreveram a pedir mais exemplares do Boletim para o partilharem com os colegas ou para o distribuírem nas suas localidades. Outros pediram-nos para lhes mandarmos documentos ou os ajudarmos a conseguir documentos que se encontram indicados na página Publicações Úteis. Também temos conhecimento de que há pessoas que contactam directamente com os autores para discutirem as suas ideias.

Assim, agradecemos que nos contactem se:

- Tiverem alguns comentários a fazer sobre este Boletim (Por ex. houve alguma coisa que acharam útil ou com a qual discordaram?)
- Tiverem ideias de temas para futuros Boletins
- Quiserem escrever um artigo
- Quiserem ajudar a conseguir alguns documentos da lista que se encontre na página das Publicações Úteis

E, por favor, sintam-se à vontade para contactar qualquer dos autores que escreveram artigos no Boletim deste ano. Ponham-lhes questões, dêem-lhes opiniões, troquem ideias. A EENET é isso mesmo!

A resposta à diversidade dos alunos na União Europeia

Como responder à diversidade dos alunos

Estes materiais incluem um guia do professor, um DVD com leituras e vídeo – clips e um manual do tutor. Podem servir de base para a formação de professores, através de uma prática reflexiva, de compreensão e resposta à diversidade dos pontos fortes e das necessidades educativas dos alunos na sala de aula. Reflectem a experiência de grupos diversificados de especialistas de vários países europeus e a investigação actual no campo do ensino e da aprendizagem.

Elaboração do guia do professor

Os materiais foram produzidos através de um projecto de um grupo internacional de Malta, República Checa, Alemanha, Lituânia, Holanda, Suécia e Reino Unido, com fundos da União Europeia. Vieram de várias instituições (universidades, faculdades e de uma NGO) e disciplinas (incluindo educação, ensino diferenciado, psicologia escolar, deficiência e educação especial, pedagogia da matemática e das línguas). Todas se empenham na formação de professores e se preocupam com a justiça social na educação.

Os participantes começaram por trocar informações sobre os seus sistemas educativos e as suas preocupações. Foram entrevistados cinco professores de cada país, o que constituiu a base do conteúdo do livro. A recolha de materiais foi feita em trabalho de pares, formados pelos parceiros; um escrevia enquanto o outro desempenhava o papel de um amigo crítico. Fizeram-se quatro revisões em três anos, através de discussões democráticas. Antes dos materiais serem organizados criou-se um novo processo de publicação. Os parceiros usaram vários métodos (por ex. preformação e formação em serviço).

Inicialmente os materiais foram produzidos para um curso *on-line*, mas depois foram revistos para serem usados na sala de aula. O livro revisado permite uma utilização mais flexível (por ex. maior escolha de actividades para reflexão do aluno no fim do capítulo). O livro foi produzido em cada uma das sete línguas dos parceiros.

Uma vez que os parceiros eram diversificados, o projecto incluiu uma quantidade invulgar de temas. Os seis capítulos cobrem:

1. Investigação-acção como instrumento de aperfeiçoamento dos professores
2. Respeito pela diversidade dos alunos, particularmente pela sua cultura, língua, género e condição de excepção
3. Desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo num ambiente de atenção e de apoio
4. Compreensão das características dos diferentes alunos
5. Diversificação dos conteúdos curriculares, do processo e do produto da aprendizagem
6. Aplicação ponderada de todos estes princípios na prática lectiva.

Aquisição do livro, do DVD e do manual do formador:
Dr Paul A. Bartolo
Faculty of Education
University of Malta
Msida MSD 2080
Malta
paul.a.bartolo@um.edu.mt
Preço: grátis (mais 20 euros para o envio por correio aéreo)
Download (Outubro 2007): www.dtmp.org

Modelo de inclusão de Manchester

A maior parte das práticas relatadas pelo EENET vêm de países do “Sul”. Contudo, tal não significa que os sistemas de educação nos países economicamente mais ricos (o “Norte”) já sejam inclusivos. Na pág. xx, a história de uma escola na cidade de Manchester, em Inglaterra, explica os esforços que se estão a fazer no sentido de se abrangerem grupos de crianças que estão sujeitas a marginalização.

O serviço de educação de Manchester enfrenta muitos desafios – os níveis de sucesso entre as crianças de famílias pobres constituem uma preocupação especial. A frequência escolar é assustadoramente baixa e um número significativo de alunos é excluído da escola devido ao seu comportamento.

Para responder a estas preocupações, o poder local tem trabalhado com as escolas para melhorar o seu “Inclusion Standard” (“Nível de Inclusão”) que é um instrumento para avaliar o progresso das escolas no seu caminho para se tornarem mais inclusivas. O “Standard” incide directamente sobre os resultados dos alunos, mais do que sobre os processos de organização e usa as opiniões das crianças como um importante testemunho.

Desta maneira, por exemplo, não exige uma avaliação da qualidade da liderança da escola. Em vez disso, foca a presença, participação e sucesso dos alunos, partindo do princípio de que é esse o objectivo de uma boa liderança. Da mesma maneira, não examina se é ou não dada aos alunos a oportunidade de participarem nas actividades. Preocupa-se, antes, em avaliar se os alunos, em particular aqueles que correm risco de marginalização ou de exclusão, participam e beneficiam dessa participação.

Assim, o “Inclusion Standard” de Manchester tem por objectivos: aumentar a consciência das escolas de que a inclusão é um processo em curso; promover o desenvolvimento de práticas inclusivas; e usar a voz dos alunos como um estímulo para o aperfeiçoamento da escola e dos seus professores. O Standard está gradualmente a tornar-se uma parte integrante dos processos de autoavaliação e de desenvolvimento das escolas.

Os alunos do curso MEdde medicinam Educação Inclusiva da Universidade de Manchester trabalham com escolas que estão a usar o “Inclusion Standard”, ajudando-as a recolher as opiniões das crianças. Nas pág. 13-15 mostra-se como isto pode contribuir para estimular o desenvolvimento da educação inclusiva.

For more information contact: mel.ainscow@manchester.ac.uk
See: www.manchester.gov.uk/education/sen/policies/inclusion-standard.htm

Publicações úteis

Disability and Inclusive Development

Editado por Tanya Barron e Penny Amerena, 2007

Este livro apela para uma mudança na política e na prática internacional, de modo a garantir a inclusão e a participação das pessoas com deficiência na comunidade social e económica e na vida política. Inclui uma secção sobre educação inclusiva.

Preço: £20. Para mais informações sobre a forma de requisitar e pagar, contactar:

International Co-ordination Manager

Leonard Cheshire

30 Millbank

London SW1P 4QD

UK

Tel: +44 (0) 207 802 8217

Fax: +44 (0)207 802 8250

Email: fiona.mcconnon@lc-uk.org

Inclusion in Action: relatório dum seminário sobre Educação inclusiva no Zanzibar, 7-10 de Fevereiro de 2006

e

Actividades utilizadas durante o Seminário “Inclusion in Action” em Zanzibar, 7-10 de Fevereiro de 2006.

Ingrid Lewis/Atlas Alliance, 2007

Estes dois relatórios descrevem um seminário organizado pela Atlas Alliance. O primeiro documento dá-nos pormenores dos principais pontos que foram discutidos, incluindo: o que a educação inclusiva e como se identificam as barreiras à inclusão e as respectivas soluções. O segundo relatório descreve a metodologia e as actividades utilizadas durante este evento. Ambos os relatórios estão disponíveis em Inglês e em Kiswahili.

Podem solicitar-se cópias em papel à:

The Atlas Alliance

Schweigaardsgt 12

PO Box 9218 Grønland

0134 Oslo

Norway

Tel: +47 22 17 46 47

Fax: +47 23 16 35 95

Email: atlas@atlas-alliansen.no

Ou imprimir a partir de: www.eenet.org.uk/key_issues/teached/teached.shtml

Making a Difference: Training materials to promote diversity and tackle discrimination

Save the Children, 2005

Este manual de formação visa ajudar os que intervêm na prática, a compreender os impactos da discriminação nas vidas das crianças, e a forma como podem planear o seu trabalho numa forma que responda à diversidade. Contém vários conceitos e actividades para seminários que são úteis na promoção da não discriminação e a inclusão na educação.

Pode ser solicitado em CD-ROM ao EENET ou impresso a partir de:

www.eenet.org.uk/bibliog/scuk_home.shtml

Moving Away from Labels

Este livro centra-se nas diferenças entre a educação integrada e a educação inclusiva, na Índia. O seu objectivo é ajudar as famílias e os professores das primeiras classes a incluir todas as crianças nas escolas da sua comunidade. O livro está disponível em papel ou formato electrónico. Preços: “e-livro” - gratuito (preço de correio: RS 250 na Índia ou \$10 no estrangeiro). Cópia em papel - RS 500 mais 250 de correio.

Contacto:

CBR Network (South Asia)

134,1st Block,6th Main BSK III Stage,

Bangalore 560085

India

Tel: + 91 80 26724273

Email: cbrnet@airtelbroadband.in

Site: www.cbrnetwork.org.in

Practical Tips for Teaching Large Classes: A teacher's guide

UNESCO Bangkok, 2006

O guia visa dar aos professores sugestões práticas para ensinar, de forma eficaz, classes numerosas, sem comprometer a qualidade. Encoraja a ideia de que uma classe numerosa pode ser vista, em relação ao processo de ensino-aprendizagem, como um recurso, não como um problema. Também encoraja métodos amigáveis de aprendizagem, centrados nas crianças.

Imprimir através de:

www2.unescobkk.org/elib/publications/095/Teaching_Large_Classes.pdf

Practising Gender Equality in Education

Sheila Aikman e Elaine Unterhalter, Oxfam, 2007

Este livro centra-se nos desafios fundamentais para atingir a igualdade de género em educação e na necessidade de trabalhar em prol dum sistema educativo equitativo que permita que todas as pessoas, independentemente do género, possam desenvolver o seu potencial.

Preço: £12.95

Pode ser solicitado a: BEBC

BEBC

PO Box 1496

Parkstone

Dorset BH12 3YD

UK

Tel: +44 (0) 1202 712933

Fax: +44 (0) 1202 712930

Email: oxfam@bebc.co.uk

Resource Centre Manual: How to set up and manage a resource centre

Healthlink Worldwide, 2003

O manual contém informações práticas sobre todos os aspectos relacionados com a criação e funcionamento dum centro de recursos p.ex., planeamento, procura de financiamento, procura duma localidade adequada, recolha e organização dos materiais, desenvolvimento dos serviços de informação e monitorização e avaliação do trabalho. Inclui informação sobre a forma de utilizar computadores, navegar da melhor forma na Internet e seleccionar *software*.

Pode ser solicitado a: www.healthlink.org.uk/resources/manual.html

Printed copies also available from:

Healthlink Worldwide

56-64 Leonard Street

London EC2A 4JX

UK

Fax: +44 (0)20 7549 0241

Preço: £15 para os países em desenvolvimento, £25 para os restantes países

Por favor informem-nos sobre quaisquer publicações que tenham produzido ou que recomendariam a outros leitores do EENET.

EENET

c/o Educational Support and Inclusion

School of Education

The University of Manchester

Oxford Road

Manchester, M13 9PL, UK

Tel: +44 (0) 161 275 3711

Fax: +44 (0) 161 275 3548

Email: info@eenet.org.uk

Web: www.eenet.org.uk